

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Carolina de Oliveira Rossi

**FÓRMULA 1: A FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO JORNALISTA
ESPORTIVO ESPECIALIZADO NA CATEGORIA**

**Juiz de Fora
Julho de 2018**

Carolina de Oliveira Rossi

**FÓRMULA 1: A FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO JORNALISTA
ESPORTIVO ESPECIALIZADO NA CATEGORIA**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Wendell Guiducci de Oliveira

Juiz de Fora
Julho de 2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática
da Biblioteca Universitária da UFJF,

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rossi, Carolina de Oliveira.

Fórmula 1: a formação interdisciplinar do jornalista esportivo
especializado na categoria / Carolina de Oliveira Rossi. -- 2018.
66 f. : il.

Orientador: Wendell Guiducci de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2018.

1. Fórmula 1. 2. Jornalismo Esportivo. 3. Interdisciplinaridade. I.
Guiducci de Oliveira, Wendell, orient. II. Título.

Carolina de Oliveira Rossi

**FÓRMULA 1: A FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO JORNALISTA
ESPORTIVO ESPECIALIZADO NA CATEGORIA**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Wendell Guiducci de Oliveira (FACOM/UFJF)

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Ms. Wendell de Oliveira Guiducci (FACOM/UFJF) - orientador

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF) - convidado(a)

Prof. Dra. Marise Baesso Tristão (CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA)
– convidado(a)

Conceito obtido: (x) aprovado(a) () reprovado(a).

Observação da banca: _____

Juiz de Fora, 5 de julho de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por me apoiarem durante todas as minhas decisões e principalmente durante a minha trajetória na faculdade. Agradeço também minhas irmãs por todo o companheirismo durante todos esses anos.

Aos meus avós, que mesmo de longe sempre me apoiaram e torceram por mim para que eu chegasse até aqui. Vocês são minha inspiração diária.

Aos meus tios e tias pela força, conselhos e apoio durante esses anos.

A Acesso Comunicação Jr. Por me dar a oportunidade de evoluir pessoalmente e profissional. E por ser a melhor experiência que tive durante a faculdade.

A Produtora de Multímeios por todos os ensinamentos que recebi e por ser um espaço onde tive a oportunidade de crescer muito profissionalmente.

A E-Dialog por me dar a oportunidade da minha primeira experiência profissional na minha área e por me ensinar tanto durante todo esse tempo.

Aos meus queridos amigos de turma e de mergulhão, que foram sem dúvidas os melhores presentes que a FACOM me deu, obrigada por todos os ensinamentos compartilhados, por todos os trabalhos em grupo, por toda troca que tivemos durante esses quatro anos de faculdade.

Em especial agradeço minha amiga Aline Introvigni por passar por todos os desafios do TCC comigo, sendo meu principal apoio e incentivo durante essa etapa.

Aos meus amigos da Acesso que me ajudaram a crescer em uma pessoa e profissional melhor, por serem apoio durante momentos difíceis e por estarem sempre presente.

Ao meu orientador, Wendell Guiducci por ser uma pessoa tão compreensível e por ser o apoio necessário durante a produção desse trabalho.

E por último, mas não menos importante, agradeço meu ídolo Sebastian Vettel por ter sido o responsável pela minha paixão pela Fórmula 1, que se tornou um objetivo profissional na minha carreira. Obrigada por me inspirar tanto durante todos esses anos!

RESUMO

Estudo sobre a complexidade da formação do jornalista esportivo especializado em Fórmula 1. Contextualização da atual situação do jornalismo, buscando entender como a era da convergência afetou a forma de produção da notícia. Para um completo entendimento da atuação do profissional, será feita uma análise da história do jornalismo esportivo brasileiro e das principais prerrogativas definidas para sua função. Serão abordadas também as características de automobilismo e jornalismo presentes na formação do profissional especializado na F1, que envolve uma constante busca pelo conhecimento interdisciplinar. Por fim, será analisado a cobertura de uma corrida por três meios de comunicação: rádio, TV e internet.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo. Convergência. Interdisciplinar. Fórmula 1.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Abertura do Grande Prêmio da Austrália.....	44
Figura 2 – Abertura para o Grande Prêmio da Austrália.....	44
Figura 3 - Demonstração visual das características do Halo	45
Figura 4 – Gráfico na tela informando a distância na pista entre Sebastian Vettel e Lewis Hamilton.....	47
Figura 5 – Comentários de fãs no Twitter antes do início da transmissão no site.....	50
Figura 6 – Início da corrida com informações sobre a largada e comentários do Twitter.....	51
Figura 7 - Informação da entrada do carro de segurança na pista.....	52
Figura 8 - Informação sobre a estratégia da Ferrari em realizar a troca de pneus no momento da entrada do safety car, o que resultou no ganho da liderança na corrida.....	53
Figura 9 - Comentário feito pelo jornalista Alexander Grünwald em sua página no Twitter e replicado na cobertura do Grande Prêmio da Austrália pelo globoesporte.com.....	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O JORNALISMO NOS TEMPOS ATUAIS.....	11
2.1 COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E CONVERGÊNCIA - NOVOS MODOS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA.	13
2.2 A CONVERGÊNCIA NA FÓRMULA 1	15
3 JORNALISMO ESPORTIVO: DESAFIOS NA FORMAÇÃO E NA ATUAÇÃO DIANTE DO CONTEXTO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO.....	17
3.1 BREVE TRAJETÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO E PRERROGATIVAS DEFINIDAS PARA ATUAÇÃO.....	17
3.2 OUTROS ASPECTOS DA COBERTURA MIDIÁTICA DE EVENTOS ESPORTIVOS.....	22
3.3 DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO JORNALISTA ESPORTIVO.....	27
4 ALGUNS TRAÇOS DA RELAÇÃO ENTRE AUTOMOBILISMO E JORNALISMO.....	31
4.1 POR DENTRO DE UMA CORRIDA DE FÓRMULA 1: AS CARACTERÍSTICAS UTILIZADA POR CADA MEIO DURANTE SUAS COBERTURAS.....	35
4.1.1 INGRESSANDO NAS ONDAS DO RÁDIO.....	36
4.1.2 A COBERTURA PELA TELEVISÃO.....	42
4.1.3 A COBERTURA DO GRANDE PRÊMIO DA AUSTRÁLIA DIRETAMENTE DA WEB.....	50

4.1.4 ANÁLISE DA REPORTAGEM SOBRE A CORRIDA NA AUSTRÁLIA NO SITE	GRANDE
PRÊMIO.....	56
5 CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

A Fórmula 1 é a mais popular categoria de automobilismo do mundo, sendo transmitida em mais de 200 países. Atualmente a temporada é composta por 20 corridas e tem duração média de oito meses. No Brasil, a transmissão das corridas é feita na íntegra em TV aberta, pela Rede Globo. Em todos esses anos, a Fórmula 1 fez milhões de fãs apaixonados pelo esporte, que acompanham com dedicação a modalidade durante todo o campeonato. Enquanto esporte de automobilismo, apresenta complexidades, diversos termos técnicos, regras e especificidades que são intrínsecas da categoria. Conseqüentemente, por ser transmitido na TV aberta, o esporte atrai também telespectadores eventuais, que irão assistir à corrida apenas por curiosidade.

O que podemos observar, portanto, neste contexto apresentado, é que podem ser destacadas categorias distintas de telespectadores do esporte: os fãs, que possuem conhecimento da linguagem e termos específicos do esporte, e aqueles que não detêm esse conhecimento e podem ficar “perdidos” durante a transmissão. Exige-se, portanto, do jornalista esportivo especializado na categoria trabalhar essa linguagem específica de forma que atinja todos os telespectadores possíveis. Ele deve ser informativo, explicativo e ser capaz de entreter ao mesmo tempo.

A complexidade da formação do jornalista esportivo e de sua atuação hoje no mercado está diretamente relacionada ao que inicialmente supomos ser uma permanente busca pelo conhecimento interdisciplinar. Este processo envolve uma série de questões e desafios que devem ser compreendidos e colocados em prática pelos profissionais da área. A Fórmula 1, neste sentido, é um campo de atuação que ajuda a provocar, de maneira prática, algumas problematizações.

No segundo capítulo vamos analisar a atual situação do jornalismo, entender como as novas tecnologias, assim como o fenômeno das redes sociais, afetaram no processo de produção da notícia. Para isso vamos utilizar o conceito de convergência utilizado por Henry Jenkins para o estudo da cooperação de múltiplos mercados midiáticos. Como o jornalismo esportivo se posiciona em meio a essas alterações?

Para exemplificar os questionamentos levantados, destacaremos a atual mudança que está sendo realizada no entretenimento da categoria. A equipe Liberty Media adquiriu recentemente os direitos da Fórmula 1 e já vem apresentando mudanças

significativas na forma em que a modalidade se posiciona como meio de entretenimento. Com maior interação nas redes sociais e mais aberta ao público, a categoria tem se preocupado em atrair os fãs e agregar novos seguidores.

No terceiro capítulo vamos analisar a complexidade do jornalismo esportivo enquanto área de atuação profissional. Para isso faremos uma breve contextualização sobre a trajetória da editoria e as prerrogativas que foram definidas para que a especialização se torne o que é atualmente. O jornalismo esportivo deve ser entendido como um campo de valor para o jornalismo como um todo, não somente devido a sua força mobilizadora, por ser um fenômeno de massa na mídia, mas também devido a sua capacidade de influenciar pessoas, de criar valores, costumes, enfim, uma cultura esportiva que vai além das competições em si. Cabe ao profissional compreender essa complexidade em sua formação para aplicá-la no processo de produção da notícia.

Com base no conceito de transdisciplinaridade empregado por Piaget, vamos analisar a necessidade de o jornalista esportivo agregar à sua formação diversos elementos que vão além do esporte, como política, educação e economia, por exemplo, de modo a ser capaz de realizar a construção de sentidos dentro da competição. Em seguida vamos ingressar de vez no mundo das especificidades da atuação do jornalista esportivo especializado em Fórmula 1, buscando entender a complexidade da formação que esse profissional precisa possuir para ser capaz de informar e entreter.

Como objeto de análise para exemplificar os questionamentos levantados ao longo da pesquisa, selecionamos a transmissão da corrida do Grande Prêmio da Austrália de 2018 em três diferentes meios de comunicação: rádio, TV e internet. No rádio, analisamos a cobertura da Rádio Band News; na televisão, a responsável pela transmissão foi a Rede Globo; pela web, analisamos a transmissão em tempo real pelo site Globoesporte.com e a reportagem pós corrida elaborada pelo site especializado em automobilismo Grande Prêmio.

2 O JORNALISMO NOS TEMPOS ATUAIS

Antes de iniciarmos a abordagem do principal assunto desse projeto, se faz necessária uma contextualização do atual cenário social e profissional do jornalismo, assim como uma análise de algumas mudanças que afetaram no processo de produção e distribuição da notícia.

O fenômeno causador dessa conjuntura, dessas alterações na produção da notícia é a crescente midiaticização das práticas sociais. Novas tecnologias surgem para encurtar os espaços geográficos, assim como plataformas são criadas para propiciar interações sociais mais práticas entre os indivíduos.

O que estamos presenciando, portanto, são novas maneiras de se conectar, no sentido literal e social da palavra. Novas práticas essas que impactam e influenciam diretamente no papel do jornalismo, que vê sua rotina de atuação sendo modificada à medida que essa constante convergência atinge todos os âmbitos da vida em sociedade.

O termo convergência surge como caracterizador de diversas áreas, como a Informática, Telecomunicações e Eletroeletrônica. No Jornalismo, ele também se faz presente, alterando relações, reconfigurando o poder da mídia e redesenhando a estética e economia dos meios (BARBOSA, 2008, p.35).

Em *Cultura da Convergência (2009)*, Jenkins conceitua o fenômeno como um constante fluxo de conteúdos realizado através de múltiplas plataformas de mídia emergentes, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação.

Com esse cenário instalado, presenciamos uma considerável transformação cultural, onde o consumidor aparece como o grande protagonista. É o novo estágio da evolução midiática, que alterna de interativa para participativa. Sobre a alquimia que as novas mídias e maneiras de contar histórias estão mudando nossas maneiras de se divertir, trabalhar e educar. (JENKINS, 2009, p.16)

A convergência instaura um novo papel do consumidor. É a centralização do público no processo da mídia. Este encontra a sua disposição uma maior variedade de formas de consumir informação, sua atenção torna-se mais dispersa em meio a tantas

possibilidades. Sua postura não é mais passiva, ele não apenas aceita a convergência, mas conduz o processo.

Estamos vivendo a era de consumidores ativos e migratórios, que através da midiatização ganharam voz e influência significativas. Conjuntura essa que altera a relação leitor/fonte-jornal, onde o público é convidado a participar e se envolver com o processo de se fazer notícia, repercutindo então no processo de noticiabilidade jornalístico.

Entende-se como jornalismo a prática de decisão, apuração e disseminação daquilo que é considerado relevante para a vida em sociedade. O embasamento para essa seleção acontece a partir da visão crítica do jornalista. Ou seja, a utilização de técnicas para definir os critérios de noticiabilidade é entendida como substancial para que se tenha credibilidade na divulgação.

No contexto das redes sociais o papel do jornalista é então colocado em jogo. Questiona-se sua relevância na função de mediador dos acontecimentos que chegam até a população. Não há mais absolutismo da profissão nesse cenário atual que se molda com as novas formas de buscar informação e o jornalista se vê obrigado a dividir esse papel de propagador das informações com as redes sociais. Existe, portanto a necessidade de adaptação para enfrentar a concorrência.

Antigamente um punhado de editores podia decidir o que era notícia e o que não era. Eles agiam como espécie de semi-deuses. Se eles publicassem uma história, ela virava notícia. Se ignorasse o fato, era como se nunca tivesse acontecido. Hoje, os editores estão perdendo este poder. A internet dá acesso à milhares de novas fontes que cobrem coisas que um editor poderia deixar passar. “(...) E os jornalistas enfrentam novas concorrências de fontes alternativas de notícias e de informação”. (MURDOCH, 2008, p.1)

Até que ponto as ferramentas da tecnologia dificultam ou facilitam as dinâmicas de formação multidisciplinar do jornalista, já que, ao mesmo tempo que elas expandem as plataformas, muitas vezes, também encurtam os diálogos? As plataformas digitais de comunicação interferem na qualidade da informação obtida?

2.1 COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E CONVERGÊNCIA - NOVOS MODOS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA.

As redes sociais influenciam na criação de novos mediadores da informação, ao auxiliar na construção do capital social¹ através das plataformas de relacionamento. Possibilitam que os laços sociais sejam mantidos mesmo a distância, e segundo Ellison, Steinfeld e Lampe (2007) permitem também que as pessoas gerenciem melhor essas conexões. De certa forma, a Internet proporciona a população um maior controle de sua rede de relacionamentos, possibilitando assim a mobilização de um capital social para sua apropriação.

Segundo Recuero (2009) criam-se novos atores que demonstram interesse tanto em receber informações, como também em divulgá-las e repassá-las. Isso porque, quando o indivíduo divulga/replica determinada informação, sendo esta relevante para sua rede de contatos, ele pode vir a se tornar referência/criar uma reputação em sua rede e, em seguida, pode inclusive tirar proveito dessa autoridade ao, por exemplo, lucrar com essas informações com anúncios em sua página.

O capital social que a publicação de uma determinada informação irá gerar para um determinado ator está diretamente relacionado com a relevância dessa informação para o grupo, bem como sua novidade e sua especialidade para a rede social. (Recuero, 2009)

Muitas pessoas a partir disso passam a investir tempo em refinar as informações que serão divulgadas em suas redes sociais, buscando fatores importantes como a exclusividade e a novidade nas informações que repassam para o público. Portanto, existe o interesse individual do ator em questão. O que se estabelece é a desprotagonização da mediação jornalística com o acesso do amador ao fazer notícia.

De que maneira essa prática diferencia-se do jornalismo? Como o jornalismo se posiciona nessa situação onde diversos indivíduos aparecem como propagadores de informações?

¹ Capital social segundo Pierre Bourdieu é “o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interreconhecimento”.

As redes sociais são espaços para circulação de informações, tornando-se um ambiente propício para discussões dessas notícias. Assim, elas vão atuar com um duplo papel informativo: como fontes, ou como espaço de reverberação das informações. São essas as relações que apontadas como relevantes para o jornalismo no espectro do estudo das redes sociais. (Recuero, 2009, p. 11).

As informações que circulam nas redes sociais não possuem necessariamente um valor social, não existe uma seleção e apuração dos fatos como se espera do jornalismo. Entretanto elas podem atuar como uma ferramenta auxiliar à prática jornalística, sem excluir sua importância e valorização. Atuando como um meio de atingir o público de maneira mais ágil, assim como gerar discussões democráticas a respeito de temas variados. Elas produzem efeitos no jornalismo, sem praticar realmente o jornalismo. “O virtual não substitui o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo” (LÉVY, 1999, p. 88).

Em suma, com o atual cenário de mudanças nas práticas jornalísticas e revolução digital, muito se fala no desaparecimento do jornalismo enquanto prática profissional. Porém, o que estamos presenciando são mudanças de paradigmas, sem que isso implique no desaparecimento do jornalismo. Essa é uma prática social firmada e afirmada ao longo dos anos, que apenas deve se atualizar para se adequar à nova realidade.

O jornalista atual precisa tornar-se um profissional cada vez mais multidisciplinar para atender às novas exigências do mercado. Novas ferramentas implicam em novas funções e novos processos de produção da notícia.

Segundo Oliveira (2013), essas mudanças que estamos presenciando afetam na maneira de produzir e distribuir conteúdo jornalístico, e também reforçam a atenção às características do jornalismo digital, fazendo com que fatores como sistemas de publicação, a apresentação visual dos conteúdos para a população e um bom design de interação ganhem cada vez mais importância no fazer jornalístico.

Em meio às mudanças causadas pela convergência, se exige do profissional o conhecimento interdisciplinar, a capacidade de produzir notícias para diferentes meios, com diferentes abordagens e linguagens. “Jornalismo colaborativo, produção de conteúdos interativos, expansão de conhecimento etc. serão elementos cada vez mais citados nesta nova configuração midiática, na qual a convergência de mídia e a usabilidade das redes sociais determinarão as novas pautas e as novas exigências de mercado.” (TAVARES, 2014, p. 2).

2.2 A CONVERGÊNCIA NA FÓRMULA 1

Como forma de exemplificar os questionamentos aqui levantados, podemos destacar uma mudança no processo de midiaticização realizado recentemente pelo objeto de estudo desse projeto, a Fórmula 1. Como apresentado, as novas plataformas encurtam os espaços e colocam o público como parte central do processo de produção da notícia, e é isso que a maior categoria de automobilismo do mundo pretende com um novo posicionamento midiático.

No final de 2016, foi anunciada a venda dos direitos da Fórmula 1 para o grupo americano Liberty Media. Foi prometida, como principal ação da nova gestão, uma mudança no posicionamento midiático da categoria, principalmente ao que tange as redes sociais como ferramenta de aproximação com o consumidor. Durante as décadas de liderança de Bernie Ecclestone, investir em inovações da mídia nunca foi uma prioridade para a categoria, demonstrando inclusive resistência e aversão à inserção dessa nova dinâmica no universo da Fórmula 1. Portanto, a categoria manteve durante longos anos um distanciamento dos fãs, oferecendo-lhes pouca atenção no processo de entretenimento. (fonte: Globoesporte.com)

Com essa nova era, surge então a promessa de inserir o esporte nos trilhos da convergência midiática, utilizando as novas tecnologias e plataformas como meios não somente de aproximar-se dos fãs, mas também de expandir o alcance e impacto em todo mundo e assim agregar novos seguidores.

O novo caminho traçado para o entretenimento já mostrou resultados significativos para a categoria em seu primeiro ano de atuação, na temporada de 2017. Um dos objetivos, com a mudança de postura, colocando os fãs como parte central do processo era de aumentar a audiência nas TV's, que seguia em queda há sete anos. E foi o que aconteceu, a temporada que consagrou Lewis Hamilton como tetracampeão teve audiência televisiva de 1,4 bilhão de pessoas nos principais 20 mercados² da F1, o que significa um aumento de 6,2% em relação a 2016. (Fonte: Globoesporte.com)³

² Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Itália, Polônia, Romênia, Rússia, Espanha, Suíça, Grã-Bretanha e os EUA.

³ <https://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/apos-7-anos-de-baixas-f1-registra-aumento-de-audiencia-na-tv-redes-sociais-crescem.ghtml>

Os números do crescimento do alcance nas redes sociais demonstram também significativa evolução. Foram produzidos em grande escala conteúdos relevantes nas mais diversas redes sociais, como Facebook, Instagram, Twitter, Youtube. Diversas ações foram realizadas para que os fãs de todo o mundo se aproximassem do glamoroso mundo da categoria, que se manteve distante da grande massa por tantos anos. Dentre elas: melhores momentos de treinos e corridas, entrevistas sendo transmitidas em tempo real nas plataformas, bastidores com os pilotos, liberação do uso das redes sociais para pilotos e equipes (estes não tinham autorização para postar fotos/vídeos de suas atividades no paddock em decorrência de direitos de imagem). “As redes sociais, assim como as plataformas de streaming, são maneiras perfeitas para o crescimento. É preciso estabelecer uma conexão entre fãs e pilotos, estar mais próximos deles”, afirmou Chase Carey, CEO da F1. (Fonte: Máquina do Esporte)⁴

Tais medidas ampliaram consideravelmente os índices de popularidade da Fórmula 1 nas plataformas digitais. Foram 11,9 milhões novos seguidores distribuídos pelas contas no Facebook, Instagram, Twitter e Youtube somente em 2017. De acordo com a FOM (Formula One Management), esses números representam um aumento de 54,9% comparados ao ano anterior. Os minutos de visualização dos vídeos no Facebook cresceram 1.600%, chegando a 390 milhões. No Twitter o crescimento foi de 165%, com um aumento de 64% nas visualizações. No Instagram, a categoria presenciou seu número de seguidores praticamente dobrar em 2017, chegando aos 3,8 milhões, um crescimento de 93%. A nova postura deixou a categoria com o posto de esporte com o maior crescimento em redes sociais, deixando pra trás a Champions League, a NFL e NBA, por exemplo. (Fonte: Globoesporte.com)⁵

⁴ https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/em-1-ano-nova-f1-investe-em-streaming-e-redes-sociais_33551.html

⁵ <https://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/apos-7-anos-de-baixas-f1-registra-aumento-de-audiencia-na-tv-redes-sociais-crescem.ghtml>

3. JORNALISMO ESPORTIVO: DESAFIOS NA FORMAÇÃO E NA ATUAÇÃO DIANTE DO CONTEXTO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO

Antes das luzes se apagarem para ser dada a largada e imergirmos de vez no universo da Fórmula 1, faz-se necessário entendermos a complexidade do jornalismo esportivo enquanto área de atuação profissional. Mas, afinal, o que significa para o jornalista realmente ser especializado em determinada editoria?

3.1 BREVE TRAJETÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO E PRERROGATIVAS DEFINIDAS PARA ATUAÇÃO

Em jornalismo, especialidade deveria significar “compreensão aguçada de questões-chave relativas a macrotemas do conhecimento humano, entendidos em sentido amplo”. Quais macrotemas? Ciências, política, economia, cultura, sobretudo. (CARVALHO, 2005, p.7)

Dentro desses macrotemas existem diversas possibilidades de atuação. Tomando o jornalismo esportivo como exemplo, podemos elencá-lo enquanto uma especialidade jornalística, mas não no que se refere ao esporte em seu entendimento amplo da palavra. Isto é, abranger todas as áreas do esporte, que, além das competições esportivas em si, inclui também todo teor social que esse campo carrega. De tal maneira que seria praticamente impossível para o profissional dominar as especificidades das inúmeras modalidades que o esporte oferece. Por isso vemos hoje profissionais que atuam dentro do macrotema Esporte que cobrem de fato somente uma ou algumas categorias exclusivamente.

Vemos cada vez mais uma divisão de foco de atuação dentro do trabalho jornalístico, onde profissionais buscam se especializar em determinado campo para se tornar autoridade. Criando assim subdivisões dentro dos macrotemas de atuação profissional, possibilitando inúmeros campos de atuação possíveis.

A especialização esportiva é uma consequência dessa segregação e da diversificação do campo esportivo, que pertence a muitas áreas do conhecimento como as ciências humanas, saúde, pedagogia, comunicação, etc. Os acontecimentos não se limitam ao campo da competição, uma vez que representam também aspectos culturais, econômicos, políticos, etc (BORELLI, 2002, p. 13).

Ainda que seja superespecialista em uma modalidade específica, o jornalista esportivo deve também estar apto a cobrir bem outras categorias. Ou seja, ele deve estar preparado para produzir sentido em outras competições quando necessário. Para isso ele precisa dominar as técnicas do jornalismo esportivo no seu entendimento amplo, para então adaptar-se às especificidades de qualquer modalidade. Grande parte dos profissionais de destaque na área atua em diversas categorias, mesmo que seja especialista em alguma delas. Por exemplo, a jornalista Mariana Becker é a repórter oficial da Fórmula 1, porém quando necessário ela atua também nas transmissões de jogos de vôlei e até mesmo futebol. Marcelo Courrage, Marcos Uchôa, Pedro Bassan, jornalistas da Rede Globo são também exemplos de profissionais que transitam com a mesma maestria na cobertura de diferentes práticas esportivas.

É importante ressaltar a relevância do jornalismo esportivo para o campo jornalístico como um todo. Isso acontece porque a cultura do Brasil, em grande parte, é alimentada por ele, afinal somos conhecidos como o país do futebol. O esporte é uma das principais forças do jornalismo no país, uma das mais requisitadas e de maior concentração de profissionais devido à grande demanda de consumo de informação. Mais procura significa mais necessidade de especialização por parte dos jornalistas para exercerem a profissão.

Atualmente o esporte ocupa um significativo espaço nas principais mídias do país quando comparado às demais áreas de atuação jornalística, como Política e Economia, por exemplo. Para BOURDIEU (1997, p.73), nos últimos anos, tanto a televisão quanto os jornais têm dado “o primeiro lugar, quando não é todo o lugar, às variedades e às notícias esportivas”.

Essa relevância para o jornalismo aparece concomitantemente com os avanços tecnológicos e a possibilidade de maior alcance midiático. O jornalismo como um todo foi beneficiado nesse sentido, e algumas áreas tornaram-se fenômenos de massa em consequência. Em seu artigo “Esporte, Indústria Cultural e Teoria da

Comunicação”, Ronaldo Helal defende que “o esporte é também um fenômeno específico da comunicação de massa, proporcionando os mesmos debates e sofrendo os mesmos questionamentos suscitados pelo impacto da mídia na modernidade”. (1997)

Segundo Carvalho (2005) na medida em que o esporte foi ganhando mais seguidores e se profissionalizando, o jornalismo esportivo precisou se adaptar a um campo de conhecimento até então pouco explorado, onde não havia uma metodologia de produção da notícia definida. Passando, portanto por períodos de experimentações durante sua estabilização enquanto uma das principais editorias jornalísticas. Vamos apresentar aqui uma breve trajetória do jornalismo esportivo, assim como algumas prerrogativas definidas para sua atuação ao longo dos anos.

Em meados do século XX, o esporte era visto no Brasil com preconceito e desconfianças por parte da mídia brasileira. Isso porque ninguém acreditava que qualquer prática esportiva “pegaria” por aqui, seja entre a população ou entre os principais jornais do país. Foi somente em 1960 que o Brasil começou a inserir publicações esportivas com mais frequência na mídia. Porém, essa prática ainda era vista como uma subdivisão da profissão, uma área até então negligenciada e vista como sem importância para o jornal.

“Foi uma época de abnegados que escreviam e falavam sobre um tema apaixonante, ainda que pouco valorizado, com um olhar cartorial e sem nenhuma opção de ousadia porque os tempos não permitiam esse luxo para aqueles lados da redação.” (Carvalho, 2005). O profissional funcionava mais como uma testemunha dos acontecimentos, entregando uma notícia fundamentalmente documental. As exceções ficavam a cargo do rádio, que na época era o principal veículo de comunicação para o esporte e das famosas crônicas empregadas de dramaticidade e firulas, sob o comando principalmente de Nelson Rodrigues e Mário Filho.

Com o absolutismo do rádio como fonte de informação, o esporte era repassado de forma detalhada, onde o jornalista se colocava como testemunha, com obrigação de esmiuçar os mínimos detalhes dos acontecimentos de modo a inserir o ouvinte/leitor naquele universo que até então a televisão não havia chegado ou tinha acesso escasso. O profissional não possuía liberdade para usar de suas percepções ou avaliações dos acontecimentos.

Na década de 1970, esse cenário começou a tomar outras proporções e o esporte foi crescendo em popularidade no país, principalmente com o futebol e o jornalista responsável por cobrir o esporte começa a ganhar reconhecimento e valorização pelo serviço prestado. Temos aqui o fenômeno da explosão dos meios de comunicação de massa impactando diretamente na produção da notícia que é entregue ao público.

Nesse período a população começa a descobrir no futebol uma paixão, que extrapola os limites do entretenimento. Começamos a presenciar uma maior midiaticização dos eventos esportivos, cada vez mais requisitado pelo público. Os principais veículos de comunicação se vêem na necessidade de profissionalizar cada vez mais a função do jornalista esportivo, que se torna uma importante editoria do veículo, competindo com economia, política, dentre outros. O repórter especializado no esporte passa a exercer uma função valorizada dentro do jornal, se colocando próximo ao público, com a missão de levar a esses apaixonados consumidores os conteúdos provenientes desses eventos.

Temos uma mídia com mais aparatos tecnológicos a sua disposição para a produção da notícia e temos um público passional que deseja e exige consumir informação relevante. Somente entregar relatos dos eventos esportivos já não é mais suficiente para saciar esse consumidor. O jornalismo esportivo ganha o bônus da tecnologia, mas perde sua principal função da editoria na época: a de testemunha. O profissional vê-se, portanto, na necessidade de encontrar outras maneiras de realizar a cobertura dos eventos esportivos.

Os tempos mudaram – imersão num mundo que exigia uma conexão com as emoções do jogo e com a faceta humana dos ídolos, que vá além das técnicas esportivas e da glória momentânea. Contavam-se histórias com um propósito de aproximação, um bote para trazer o leitor para dentro da reportagem. (Carvalho, 2005; p.60)

Não se exclui de forma alguma sua função jornalística de documentar o evento esportivo, porém o profissional precisa também cativar o público, exigindo-se uma conexão com as emoções do jogo e com os aspectos humanos ali presentes, como explorando a presença do ídolo, por exemplo. Por isso o aspecto emocional passou a ser um importante ingrediente na cobertura esportiva.

Com a adaptação na forma de narrar os eventos esportivos, algumas questões éticas foram levantadas, sendo importante ressaltá-las para a completa análise das práticas inerentes do jornalista esportivo. Com a presença da humanização como ingrediente importante para produção da notícia, o profissional passa a ter que imergir cada vez mais no ambiente do evento esportivo, indiretamente criando envolvimento com os personagens desse universo. Nesse cenário surgem questionamentos ao que tange seu distanciamento desses elementos, pois o profissional já não é mais um mero observador nesse ambiente, ele se torna também um participante importante do evento. Torna-se importante a criação de uma postura de certo distanciamento do profissional com as fontes, evitando assim quaisquer interpretações errôneas em seu discurso.

Com o emprego de um variado catálogo emotivo, os meios de comunicação vão além da informação pura e simples para se aproximarem de um dramatismo próprio. Nos comentários do jornalismo esportivo, boa parte do conteúdo pode ser considerada de caráter descritivo, mas aproximadamente 30% estão cobertos de adereços psicológicos, sociológicos ou político-religiosos, que convertem a mensagem em um novo objeto de consumo. (VERDÚ, 1990; p.1).

Para exemplificar essa postura, apontamos um dos marcos do jornalismo esportivo em relação à humanização na produção da notícia, que foi a morte do grande ídolo brasileiro da Fórmula 1, Ayrton Senna. No dia 1º de maio de 1994, durante a transmissão do Grande Prêmio da Itália, em Imola, o país acompanhou ao vivo o acidente fatal daquele que é considerado até hoje por diversos especialistas do esporte o maior piloto de todos os tempos. Toda a conjuntura do acidente, com a morte do ídolo durante o exercício da profissão, deixou todo Brasil em choque, e a cobertura do jornalista especializado na categoria espelhou o sentimento de todo país. Nesse período tudo foi permitido, e acompanhamos uma cobertura na qual informação e emoção caminharam juntas, de tal maneira que impactou na identidade do jornalismo esportivo dos anos seguintes. Para Carvalho, estava definitivamente liberado o jornalista-protagonista, que atua não só pelo seu poder de apuração e interpretação dos fatos, que tem como missão “traduzir” a vida para o ouvinte/espectador/leitor. Agora, era preciso chorar ou vibrar com o público. Na prática, virar um personagem também. (2005)

3.2 OUTROS ASPECTOS DA COBERTURA MIDIÁTICA DE EVENTOS ESPORTIVOS

Pode-se dizer, portanto, que o jornalismo esportivo passou por uma fase de experimentação. Não havia um modelo de reportagem definido, foi-se descobrindo as especificidades, erros e acertos da cobertura esportiva na prática. Aos poucos essa cobertura foi tomando moldura e estabelecendo padrões que permanecem até os dias atuais. Para contextualizar alguns aspectos da construção do modelo de cobertura de eventos esportivos vamos apresentar alguns elementos que se estabeleceram como necessários rituais a serem seguidos pelo profissional responsável por cobrir esses eventos, segundo teoria apresentada por Carvalho (2005). Vamos usar como exemplo a cobertura de um evento de Fórmula 1.

Dados históricos, aritméticos e comparativos: o profissional deve contextualizar sobre os últimos enfrentamentos em corridas anteriores; quais foram as disputas entre os pilotos; qual a atual situação do campeonato mundial; apresentar os recordes daquele circuito específico, quem são os maiores vencedores naquela pista.

Coincidências e tradições: a Fórmula 1 valoriza muito os aspectos tradicionais que permeiam a categoria, tanto entre os principais atores – pilotos, equipes e dirigentes - quanto em relação à cobertura da mídia. Esses aspectos remetem o telespectador a outras eras do esporte, sendo a memória afetiva um importante elemento entre os admiradores da categoria. Por isso o jornalista tem a incumbência de deter esses dados e usá-los quando oportuno durante a transmissão, seja relembando uma disputa de anos atrás ou algum recorde que permanece até os dias atuais.

Influência do cenário: outro aspecto essencial na cobertura da Fórmula 1. Isso porque cada uma das 20 etapas presentes no campeonato da categoria é disputada em um país distinto. Ou seja, o chamado “circo” da F1 passa por lugares com diferentes culturas, tradições, sendo estes elementos fundamentais a serem contextualizados na transmissão dos acontecimentos. O fator clima é também um dos mais importantes aspectos a serem analisados, tendo em vista que pode afetar diretamente no resultado da

disputa. Por exemplo, a presença de chuva mudará completamente a estratégia das equipes para a corrida.

Papel do corpo técnico: as equipes exercem papel fundamental na disputa da Fórmula 1. Esse é um esporte no qual estratégias, análises de dados e desempenho do carro e piloto, além de diversas outras questões técnicas envolvendo a engenharia mecânica são fundamentais para o desenvolvimento do evento. Em toda equipe, por exemplo, existe uma pessoa responsável pela estratégia da corrida, uma pessoa responsável por analisar em tempo real o desempenho do carro, aquele responsável por projetar o carro, o chefe da equipe, dentre outros. O profissional deve ter conhecimento da influência desse corpo técnico na disputa, apresentando-os sempre que necessário durante a cobertura.

Preparação do drama: como apresentado anteriormente, o teor dramático, emocional é um importante elemento na elaboração da cobertura de um evento esportivo. O jornalista precisa, portanto, munir-se previamente de elementos que possam servir de gatilhos para tal durante a transmissão. Por exemplo, citar alguma provocação ou disputa mais acirrada entre dois pilotos durante a corrida anterior.

O espetáculo em si: inicia-se a competição, esse é o momento de esmiuçar todas as nuances técnicas e táticas da prática em si, a ansiedade e preparação antes do apagar das luzes que dá início à corrida, a emoção das disputas dos carros roda com roda, o desempenho individual de cada piloto, o papel dos comissários na corrida, que estabelecem possíveis punições em casos de acidentes, enfim o desenvolvimento de um espetáculo esportivo que entregue informação e entretenimento ao público.

É importante que façamos aqui também uma análise da relação entre o esporte e os meios de comunicação, estabelecendo a importância da correlação entre ambos os campos para a mídia brasileira. Proni (1998) afirma que o esporte espetáculo se potencializou a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação, bem como pela consequente criação de uma cultura esportiva.

O desenvolvimento tecnológico teve influência direta na criação do fenômeno da cobertura de eventos esportivos. Como prova disso podemos apresentar o fato de que grandes marcos da mídia brasileira ocorreram justamente durante transmissões de eventos esportivos.

A consolidação de competições esportivas internacionais, como Olimpíadas e Copas do Mundo, também funcionou como poderoso estímulo ao desenvolvimento de tecnologias de comunicação, em nível mundial. Durante a Copa do Mundo de 1938 foi realizada a primeira transmissão de rádio intercontinental, a Olimpíada de Tóquio (1964) foi a primeira transmissão de tevê a cruzar o Pacífico via satélite; na Copa de 1998 foi feita a primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV), enquanto na última Copa, na África do Sul (2010), foi realizada a primeira transmissão internacional de tevê em 3D (GASTALDO, 2011, p.5).

Tais fatores comprovam a valorização que a cobertura dos eventos esportivos foi adquirindo dentro da mídia brasileira. Sua força mobilizadora é incontestável. Não é à toa que a cobertura esportiva seja responsável por inúmeros fenômenos de audiência. Durante a final da Copa do Mundo de 2002, foi estimada uma audiência global de mais de 1 bilhão de pessoas (fonte: folha de S.Paulo)⁶. A maior audiência já registrada na história da mídia brasileira aconteceu durante o jogo Brasil x Turquia, pela semifinal da Copa do Mundo de 2002, quando 98% dos televisores estiveram ligados, com uma estimativa de 110 milhões de pessoas assistindo ao jogo. (fonte: folha de S.Paulo)⁷

Podemos observar a importância da cobertura esportiva na mídia brasileira quando analisamos o atual cenário em que o esporte está inserido nos principais meios de comunicação. Nos jornais impressos, ele normalmente ocupa as últimas páginas da publicação, consideradas as mais relevantes, juntamente com as primeiras. Na televisão seu espaço é enorme, não somente com as coberturas ao vivo de partidas esportivas, mas também com a presença de inúmeros programas de debates sobre o tema. Além de contar também com diversos canais específicos sobre o esporte, que se dedicam exclusivamente durante toda a sua programação à cobertura e desdobramentos de diversas modalidades esportivas, como é o caso dos canais Sportv, ESPN, Esporte Interativo, Fox Sports, dentre outros. O rádio também conta com seus inúmeros programas esportivos, além das crônicas especializadas, tão tradicionais no meio jornalístico. Na internet temos a presença de sites, blogs e diversos conteúdos especializados relacionados ao mundo esportivo em suas mais variadas categorias.

O fenômeno da midiaticização dos eventos esportivos culmina, portanto, na criação do que vamos aqui definir como uma cultura esportiva. Ou seja, a cultura do

⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2411200221.htm>

⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u43997.shtml>

esporte é presente de tal maneira em nossa sociedade que inevitavelmente influencia na criação de valores sociais e na discussão de temas que vão além da disputa do evento em si.

A cobertura esportiva não deve se limitar a noticiar rankings, resultados e fatores relativos apenas à competição em si, pois o esporte é muito mais que isso, já que incidem sobre sua prática muitos aspectos provenientes de outros campos (da psicologia, medicina, marketing, política, religião, imprensa, etc). (BORELLI, 2002, p.14).

O profissional deve incluir essa interdiscursividade em sua cobertura. É importante que o esporte crie discussões, reflexões que não se limitem aos campos de futebol ou às pistas de corridas. O jornalista atual precisa dominar diversas áreas, a fim de explorar visões diferentes dentro da sua editoria, ir além do relato documental. Borelli reflete sobre os fatores que influenciam na cobertura esportiva, como por exemplo, do campo econômico, político, do marketing, etc. “O jornalismo esportivo traz para o seu discurso a voz de outros campos de saber, transformando o espaço jornalístico num ‘mundo polifônico’.” (BORELLI, 2002, p. 15)

A mídia tem o poder de penetrar na massa e ajudar a construir o seu imaginário coletivo. O esporte é, atualmente, um dos principais movimentos sociais que tem grande abrangência nas massas, através das mídias. Por este motivo, o esporte torna-se um dos maiores vetores para a construção do imaginário social dos indivíduos. (CAMARGO, 1999, p. 5)

O evento esportivo vai muito além do que apenas uma transmissão dos acontecimentos do jogo, muito mais que apenas descrever os lances, as voltas. A cobertura do fato necessita/se compõe a partir de todo um background, de uma estrutura que conta com a presença de diversos elementos, além dos atletas com ele envolvido. O público, a organização do evento, a política do jogo, diversos fatores sociais são envolvidos para ajudar a compô-lo, para ajudar a formar uma base capaz de espelhar toda uma cultura, de gerar discussões que podem ir além do esporte em si.

O esporte aparece como um objeto de valor para o jornalismo, não somente devido à sua capacidade de mobilização e comoção de um grande público, não somente pelo seu teor competitivo ou pela paixão que desperta nas pessoas, mas também devido às características acima citadas, de propiciar um evento que abrange áreas como

política, economia, atualidade, que vão além do esporte, que geram discussões e reflexões, e são de fato um elemento impactante na sociedade.

Outro importante fator que presenciamos com a midiaticização dos eventos esportivos está diretamente relacionado à necessidade de gerar discussão sobre os acontecimentos. Temos um público sedento por informações, que demanda diferentes conteúdos e com isso presenciamos então uma extensa “falação” na mídia esportiva. O esporte gera para o jornalismo muitos conteúdos e abertura para debates, por exemplo. Cria-se uma expectativa em saber sobre os desdobramentos da partida de futebol, da corrida, dos bastidores do paddock⁸, de eventuais mudanças nas equipes. A repercussão do evento esportivo é tão importante para o jornalismo quanto o acontecimento em si. Prova disso são os inúmeros programas dedicados a debates esportivos, seja na televisão, no rádio ou na web. Por isso a demanda do jornalista de ter uma visão abrangente dos acontecimentos, de pautar conteúdos posteriores para alimentar o público com uma visão especializada, que seja capaz de analisar, interpretar e reproduzir os fatos, de modo a mantê-los entretidos com os desdobramentos do evento, gerar discussão e problematizar determinadas ações utilizando-se da posição de autoridade jornalística. Como define MOUILLAUD (1997), o espaço jornalístico é um articulador de falas e não um mero repassador de dados.

O jornalismo esportivo deve ser visto como uma construção específica dentro de um contexto mais amplo, que nesse caso é a prática do esporte. Borelli (2002) fala que a editoria esportiva é uma construção de sentidos múltiplos, na qual o jornalista é o responsável por cobrir, tematizar, didatizar, avaliar, enfim, agendar sentido ao evento utilizando-se das características e regras do próprio jornalismo, porém levando em consideração as especificidades da prática esportiva.

A cobertura esportiva é realizada com ferramentas gerais, do próprio jornalismo, e com ferramentas específicas do esporte. Isto é, as regras gerais (entrevistas com fontes, formas de apreensão, construção do lead, apresentação do título, texto claro e conciso, composição da página e outros valores exigidos pelos manuais de redação) valem para todas as editorias. Porém, o jornalismo acaba incorporando fatores característicos do esporte, como a descrição da ficha técnica em jogos, o uso de expressões características do campo competitivo (linguagem agonizante, de combate, mais despojada, em função do campo ser, sobretudo, de entretenimento, etc). (BORELLI, 2002, p. 10)

⁸ **Paddock** é a edificação encontrada nos circuitos de automobilismo para abrigar o pessoal das equipes, veículos, oficiais de prova e convidados.

O jornalista esportivo exerce, portanto, o papel de gerenciador dessas informações na produção da notícia, sendo ele uma importante peça na construção do espetáculo que é entregue ao público, exercendo a função de selecionar aquilo que chegará até a audiência final. Bourdieu (1997) fala que o espetáculo é produzido duas vezes: primeiro, no local e no instante do fato, por todo conjunto envolvido na competição; depois, por aqueles que transformam as imagens em discursos desse espetáculo.

A história de uma partida de futebol, de uma corrida de Fórmula 1, enfim, de uma competição esportiva pode apresentar diferentes nuances, ser contada de diferentes maneiras, com diferentes visões e pontos de vista. É papel do jornalista decidir o que será repassado para o público, o que foi mais relevante, quais foram os melhores momentos. Temos aqui, portanto, o papel do jornalista como decisivo na produção de sentido do evento esportivo, do que irá chegar ao público.

É possível fazer um texto solto, recontar (e modificar) a história pelos detalhes, como os observados nos movimentos e habilidades, e não apenas descrever o resultado. Se a pessoa já assistiu ao jogo pela televisão, a mídia continua a partida em terceira dimensão. (MALULY, 2012; p.2).

São diversas as possibilidades de pautas que um só evento proporciona. Por exemplo, o jornalista pode optar por falar sobre a derrota de determinado piloto, ou sobre algum acidente na corrida, pode falar sobre a situação do campeonato, analisar o desempenho de uma equipe, enfim, são diversas as possibilidades de direcionamento a serem abordados. Nesse quesito vale ressaltar ainda sobre a importância do viés emocional na elaboração da pauta. Como já apontamos, a emoção é um dos fatores mais marcantes nos esportes, em todos os âmbitos, tanto para os competidores quanto para o público. O jornalista deve, portanto, ter essa sagacidade de explorar o lado emocional da disputa a favor da notícia.

3.3 DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO JORNALISTA ESPORTIVO

As inovações tecnológicas representaram um significativo avanço para as práticas midiáticas em todas as editorias, dentre elas a esportiva. O acesso aos eventos esportivos ficou muito mais fácil. Seja pela presença da transmissão televisiva seja pela

facilidade que a internet trouxe na entrega da informação, grande parte da população consegue acompanhar o resultado de uma partida ou corrida no momento que quiser. Vamos então fazer uma breve análise das adaptações necessárias na prática jornalística após a era da convergência, assim como contextualizar os principais desafios encontrados pelo profissional da editoria esportiva na produção da notícia.

No jornalismo esportivo o fato é antecipável, porque a data, o local e a competição já estão previamente marcados. As personagens já foram, na sua maioria, escolhidas, e o repórter depende apenas do desenrolar dos fatos (Maluly, 2004). Ou seja, para o exercício da função é importante que o profissional cumpra um ritual pré-estabelecido, no qual a preparação da pauta e o processo de produção da notícia iniciam-se previamente ao acontecimento em si. Como já dissemos anteriormente, o jornalista deve realizar uma pesquisa com dados históricos da competição, números e estatísticas sobre o desempenho dos pilotos, enfim, se munir de informações a fim de enriquecer a cobertura, possibilitando, dessa forma, uma abordagem mais profunda dos desdobramentos durante o evento, com uma análise especializada, levando uma informação pertinente ao público sempre que necessário.

Aqui vamos abordar o conceito de transdisciplinaridade empregado por Piaget:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas, dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. (Carta da Transdisciplinaridade, 1994, p. 2).

Essa habilidade é essencial para que o profissional seja capaz de incorporar na produção da notícia elementos já citados anteriormente que também fazem parte da estrutura da prática esportiva, como a política, educação, economia, dentre outros. É dessa forma que o jornalista diferencia-se de um simples admirador do esporte, com sua visão enquanto autoridade no assunto, capaz de construir sentidos para os acontecimentos de forma estratégica. Essa construção é feita através da codificação de uma série de elementos intrínsecos à prática esportiva, ou seja, será feita uma interpretação dos fatos, das regras da prática esportiva, das características da mesma. Ainda devem ser levados em conta fatores como a necessidade de ser informativo, explicativo e entretente ao mesmo tempo na produção do seu conteúdo. O profissional

deve ter um amplo conhecimento sobre as especificidades do esporte, conhecer suas regras, seu histórico, as práticas comuns e jargões característicos, de modo a inserir o público nesse universo por meio de sua reportagem.

A complexidade da formação do jornalista esportivo e de sua atuação hoje no mercado está diretamente relacionada ao que inicialmente supomos como uma permanente busca do conhecimento interdisciplinar. Este processo envolve uma série de questões e desafios que devem ser compreendidos e colocados em prática pelos profissionais da área. A Fórmula 1, objeto de estudo desta pesquisa, neste sentido, é um campo de atuação que ajuda a provocar, de maneira prática, algumas dessas problematizações.

A importância da formação interdisciplinar se faz ainda mais necessária com a explosão da convergência midiática entre os propagadores da informação. O público atual tem mais informação a sua disposição, a todo e qualquer momento. Presenciamos uma era onde o consumidor possui um alto grau de conhecimento, onde a interatividade é a palavra da vez entre os meios de comunicação. Temos aqui duas importantes questões: uma está relacionada ao fato de estarmos lidando com um público muito mais exigente, mais informado e ao mesmo tempo disperso. É preciso cativá-lo com informação relevante e diferenciada. E então entramos no outro questionamento, as alterações na produção da notícia devido a essa nova realidade. O profissional precisa se adequar a uma nova linguagem, a um modelo de conteúdo que busque a interação como forma de conquistar seu público, assim como às novas práticas e ferramentas agregadas com a inserção das redes sociais e das novas tecnologias enquanto novas maneiras de distribuição da notícia dentro da cultura participativa, como observado por Jenkins (2009) ao analisar a Cultura da Convergência.

Os ambientes digitais estimulam uma cultura cada vez mais participativa e os membros das audiências exercem papéis ativos, seja em canais dominados pelas grandes empresas de comunicação, seja por meio das redes sociais abertas (...). E no jornalismo esportivo a interatividade vai ao extremo: consumidores de notícias, muitas vezes, dialogam com o jornalista em um alto grau de conhecimento (CARDOSO, 2018, p.8).

Para Mcnair (2009), os jornalistas têm sido pressionados a buscar alternativas para o processo de coleta e formatação de informações para atender às novas exigências do público, que está cada vez mais ativo e participativo. Por um lado,

observa-se o aumento do conteúdo de entretenimento, resultado da intensificação da concorrência e das pressões exercidas pelos departamentos comerciais das empresas de comunicação (Charron & Bonville, 2004; Hallin, 1996). Por outro, empresas convergem suas diferentes operações midiáticas, criando novas plataformas, produtos híbridos e exigindo que os profissionais de redação passem a produzir conteúdos multimídia e assumam o perfil multitarefas (Deuze, 2005; Jorge, Pereira & Adghirni, 2009).

4 ALGUNS TRAÇOS DA RELAÇÃO ENTRE AUTOMOBILISMO E JORNALISMO

Quais são as especificidades da função jornalística especializada no automobilismo? O que a torna um campo de atuação em que podemos observar a interdisciplinaridade como uma característica fundamental na formação do profissional da área? E como essa função foi afetada pelas novas tecnologias e convergência nos meios de comunicação? Antes de iniciarmos nossa análise do conteúdo selecionado, se faz necessário, portanto, abordarmos os questionamentos aqui levantados, de modo a compreendermos alguns traços da relação entre automobilismo e jornalismo.

Para entendermos essa relação vamos mergulhar um pouco na história e surgimento do jornalismo automobilístico especializado na Fórmula 1 nos meios de comunicação. Enquanto esporte, o primeiro registro de uma corrida na categoria aconteceu em maio de 1950 em Silverstone, na Inglaterra. Para a mídia brasileira, porém, a competição só veio a se tornar relevante em meados dos anos de 1970, com o surgimento de um piloto do país alcançando bons resultados na categoria. Era Emerson Fittipaldi, que veio a se tornar o campeão mais jovem da Fórmula 1 em 1972, correndo pela Lotus. O jornalista Flávio Gomes credita o surgimento da mídia especializada em fórmula 1 a essa conquista.

Em uma linha do tempo que se queira traçar para contar a história do jornalismo especializado em fórmula 1 no Brasil, Emerson Fittipaldi é o marco zero. (...) Um brasileiro campeão de uma modalidade disputada por europeus, em sua absoluta maioria, em automóveis possantes feitos na Inglaterra, França, Itália e Alemanha. Cem mil pessoas num autódromo, jornalistas do mundo inteiro por estas bandas. Então é melhor a gente ver que diabo é isso. E nascia assim, por pura necessidade, a mídia especializada em Fórmula 1, meio de supetão (GOMES, 2005; p. 145).

O que se pode observar nesse período é a necessidade imediata das principais mídias do país em levar informações dessa, até então, pouca explorada prática esportiva, a um público que passa a demandar conteúdos específicos. E o rádio é quem aparece como pioneiro nessa cobertura. É de lá que saíram alguns dos principais profissionais especializados na maior categoria do automobilismo, nomes como Galvão Bueno, Reginaldo Leme, dentre outros. Em entrevista concedida a Gerusa Coelho dos

Anjos (2004), Bueno, que atualmente é locutor na Rede Globo, contou que iniciou sua trajetória ainda na década de 70, dedicando-se à transmissão pelas ondas do rádio. Ele relatou quais eram as características de uma cobertura naquela época.

Era completamente diferente. A tecnologia aplicada na transmissão foi mudando na mesma proporção que a tecnologia aplicada nos carros também foi mudando. Quando comecei para o rádio, você tinha uma posição onde você transmitia e não tinha mais nada. Você via os carros passando na sua frente, não tinha monitor de televisão. (...) Hoje não. Da mesma forma que os carros foram evoluindo, foi evoluindo também a tecnologia da transmissão. (ANJOS, 2004, Anexo I, p. 47)

Na medida em que crescia o número de rádios brasileiras na cobertura das corridas dessa modalidade e com o sucesso do piloto da casa, crescia também o número de pessoas apaixonadas pelo esporte. A história entre Fórmula 1 e Brasil foi ganhando adeptos, profissionais de mídia exclusivos e também ingredientes capazes de fomentar essa dinâmica. Em 1973 o país sediou pela primeira vez o Grande Prêmio de Interlagos, em São Paulo. Emerson Fittipaldi sagrou-se bicampeão mundial em 1974. Nos anos seguintes outros pilotos brasileiros apareceram com destaque na categoria, nomes como Nelson Piquet e Ayrton Senna, que consolidaram de vez a relevância da cobertura midiática do campeonato de Fórmula 1 por aqui.

A Fórmula 1 é atualmente a mais popular categoria de automobilismo do mundo, sendo transmitida em mais de 200 países. No Brasil, a transmissão das corridas é feita na íntegra em TV aberta, pela Globo. Em todos esses anos, a modalidade 1 fez milhões de fãs apaixonados pelo esporte, que acompanham com dedicação a categoria durante todo o campeonato. Enquanto esporte de automobilismo, ela apresenta complexidades, diversos termos técnicos, regras e especificidades que são inerentes à categoria. Consequentemente, por ser transmitido na TV aberta, o esporte atrai também telespectadores eventuais, que irão assistir à corrida apenas por curiosidade.

O que podemos observar, portanto, neste contexto apresentado, é que podem ser destacadas categorias distintas de telespectadores: os fãs, que possuem conhecimento da linguagem e termos específicos do esporte e aqueles que não possuem esse conhecimento e podem ficar “perdidos” durante a transmissão.

Exige-se, portanto, do jornalista esportivo especializado na categoria trabalhar essa linguagem específica de forma que atinja todos os telespectadores possíveis. Ele deve ser informativo, explicativo e ser capaz de entreter ao mesmo tempo. Em entrevista concedida a João Henrique Guimarães de Figueiredo, o atual

comentarista de Fórmula 1 da TV Globo, Reginaldo Leme, analisa esse desafio de atuação.

Há uma regra muito natural – ninguém gosta de termos super técnicos e dedicados a um público específico. Principalmente na TV, que tem uma enorme audiência nacional, então a gente se vê obrigado a falar, ao mesmo tempo, com o fã da F1, mais aquele que gosta de esporte, mas não conhece a fundo e até aquele que não conhece nada, mas a gente tem que trazê-lo para se tornar público cativo. (Figueiredo, 2013, Apêndice 5)

O desafio do profissional é codificar os termos específicos de modo a inseri-los naturalmente durante as transmissões. É importante que estes jornalistas especializados possuam um amplo conhecimento dessas especificidades técnicas do esporte para que, enquanto autoridades no assunto, sejam capazes de entregar ao público as principais informações necessárias para entendimento dos fatos de forma clara.

O que observamos são peculiaridades inerentes de uma competição de automobilismo, na qual termos da engenharia mecânica, automotiva, aeroespacial, além das próprias regras da corrida, são fundamentais para composição do sentido dos acontecimentos durante o fato. Podemos citar aqui alguns dos mais comuns, como por exemplo, os termos “chassi”⁹, “DRS”¹⁰, “vácuo”¹¹, “chicane”¹², “drive through”¹³, “aderência”¹⁴, “safety car”¹⁵, dentre outros componentes que irão, na maioria dos casos, aparecer durante uma transmissão de fórmula 1. O profissional deve perseguir esse conhecimento interdisciplinar em sua formação de modo a inseri-la em seu discurso.

O desenvolvimento tecnológico teve um grande impacto não somente na evolução dos carros, mas também na forma de se transmitir uma corrida de fórmula 1. Antes, o jornalista tinha pouca informação à sua disposição sobre os acontecimentos

⁹ *Chassi*: Estrutura do carro.

¹⁰ *DRS*: *Drag Reduction System* – Sistema de Redução de Arrasto Aerodinâmico, ou Asa Móvel. Faz o carro “colar” mais no chão e ganhar velocidade.

¹¹ *Vácuo*: Ficar atrás de outro carro antes de ultrapassá-lo, para ganhar mais velocidade.

¹² *Chicane*: Curva construída com o objetivo de reduzir a velocidade dos carros, sempre se caracterizando por uma curva à esquerda, seguida por uma à direita ou vice-versa.

¹³ *Drive Through*: Um tipo de penalidade. O piloto é obrigado a passar pelos boxes, com velocidade reduzida.

¹⁴ *Aderência*: Contato dos pneus com a pista. Quanto maior o contato do pneu com o asfalto, mais aderência terá.

¹⁵ *Safety Car*: Carro de Segurança, geralmente acionado quando há algum incidente na pista e tem o objetivo de diminuir a velocidade dos outros carros. Quando o Safety Car está na pista é proibida a ultrapassagem.

dentro da pista. Era preciso se virar mesmo com a falta de visão do todo, por isso, era uma função muito mais interpretativa do que documental. Fato esse que foi modificado com a inserção de recursos técnicos capazes de fornecer inúmeras informações complementares à transmissão, principalmente televisiva, como é o caso das câmeras de Slow Motion, do recurso de replay em diferentes ângulos, da inserção de gráficos de desempenho durante a transmissão. Enfim, os dados ficaram mais claros e à disposição do jornalista para que este faça a devida análise dos acontecimentos. O jornalista Reginaldo Leme analisa essas funcionalidades em entrevista concedida a João Guimarães de Figueiredo.

Mudou basicamente o nível de informação na tela do computador. Hoje você tem “online” tudo o que acontece na pista, cada volta de cada piloto, o tempo dividido em três parciais da pista, uma cor diferente indicando se o piloto melhorou ou piorou seu próprio desempenho e também em relação aos adversários. Até as punições aparecem na tela antes de serem tomadas. Câmeras on board, câmeras mostrando pessoas dentro do box. As imagens conseguem contar o evento todo. (Figueiredo, 2012, Apêndice 5)

O repórter Celso Itiberê também faz sua análise a cerca das mudanças na forma de transmitir a Fórmula 1:

“Hoje você tem todos os mapas à sua frente. Tempos de todos os pilotos, comparativos com voltas anteriores, causas de paradas nos boxes, quem é o mais rápido, como está andando em cada parte do circuito etc. tudo nas telinhas ao lado da que mostra a corrida. Ficou muito mais fácil transmitir Fórmula 1.” (Figueiredo, 2012 Apêndice 3)

Outra importante característica que devemos analisar que provocou alterações do processo de produção da notícia dentro do jornalismo esportivo especializado na Fórmula 1 é a da convergência midiática. Com a chegada da internet como fonte alternativa de informação, os tradicionais meios de comunicação precisavam de uma estratégia para competir com esse meio, que tinham como principal vantagem a agilidade e facilidade do acesso do público à informação. Segundo o jornalista Flávio Gomes (2005), a web é hoje a maior fonte de notícias sobre a Fórmula 1 para os brasileiros, em consequência do espaço reduzido dedicado a mesma nos jornais e até na própria TV. A alternativa a esse cenário foi a integração dos meios, utilizando a seu favor essa nova ferramenta de informação.

“Foi preciso um grande esforço de adaptação e a necessária migração para uma cada vez mais em voga modalidade de jornalista, o tal do “multimídia”. Atuar em apenas um tipo de veículo de comunicação já não basta. Integrar as mídias é algo absolutamente vital.” (GOMES, 2005, p.149).

Retomamos aqui a importância da formação interdisciplinar do jornalista esportivo não somente no que tange os conhecimentos de demais áreas do saber, mas também relacionada à necessidade de adaptação à convergência dos meios midiáticos. É preciso saber utilizar as novas plataformas digitais a seu favor no processo de produção da notícia. Por exemplo, as redes sociais aparecem atualmente como um dos melhores meios de aproximação do público, afinal, a grande maioria da população está presente nesse meio, as pessoas estão conectadas quase integralmente a seus dispositivos móveis. Essa revolução alterou o comportamento do consumidor de notícias, que busca por informações em tempo real, tem necessidade de urgência e encontra à sua disposição um grande leque de fontes de informação. Por isso a importância de usar esse recurso a seu favor, enquanto um suporte para a construção da notícia. A seguir, em nossa análise, vamos exemplificar as diferentes maneiras pelas quais a convergência se manifesta durante a cobertura de um evento de Fórmula 1.

4.1 POR DENTRO DE UMA CORRIDA DE FÓRMULA 1: AS CARACTERÍSTICAS UTILIZADAS POR CADA MEIO DURANTE SUAS COBERTURAS.

Como objeto de análise selecionamos a corrida do Grande Prêmio da Austrália, que marcou o início da temporada de 2018 da Fórmula 1, no dia 25 de março. Por ser o início de uma nova temporada, entendemos que as percepções dos levantamentos aqui indagados podem ficar em maior evidência. Afinal é o começo de um novo campeonato, com novas possibilidades, novas disputas, enfim, é um quadro em branco onde os jornalistas têm atuação mais introdutória à disputa.

Para realizar essa análise selecionamos três diferentes meios de comunicação que atuaram na cobertura da corrida de estreia da temporada 2018 são eles o rádio, a televisão e a internet. No rádio vamos analisar a cobertura realizada pela Band

News FM, a transmissão da televisão fica a cargo da Rede Globo e pela internet analisaremos a cobertura em tempo real realizada pelo site Globoesporte.com e também a reportagem realizada após o desfecho da corrida pelo site Grande Prêmio. Vamos analisar também os traços percebidos durante a transmissão da importância da formação interdisciplinar do jornalista esportivo especializado na Fórmula 1, além da presença da convergência midiática influenciando na produção da notícia.

4.1.1 INGRESSANDO NAS ONDAS DO RÁDIO

A narração do Grande Prêmio da Austrália, disputado em Melbourne, pela Rádio Band News ficou a cargo de Odinei Edson com comentários de Luis Fernando Ramos, o Ico, e Alessandra Alves, e a reportagem direto do paddock em Melbourne foi da jornalista Julianne Cerasoli. O início da corrida estava marcado para 2h10 da madrugada de domingo no Brasil. A cobertura pela rádio, porém, iniciou um pouco mais cedo, com informações sobre os bastidores do grid de largada, com Julianne Cerasoli trazendo entrevistas exclusivas com pilotos e dirigentes antes do apagar das luzes.

O GP da Austrália marca a primeira prova do ano, de um total de 21 corridas que serão disputadas ao longo de 2018. Antes do início do campeonato, os pilotos e as equipes têm cerca de duas semanas para realizarem os testes para analisar o desempenho dos carros durante a pré-temporada. É nesse momento que se pode observar o rendimento de cada equipe, e onde são feitas as projeções para o ano: quem tem o carro mais competitivo? Quais equipes estarão na disputa pelo campeonato?

Portanto, o início de uma nova temporada é marcado por diversos “achismos” baseados naquilo que foi apresentado durante os testes. Tudo é muito introdutório, permitindo assim um amplo espaço para que sejam feitas interpretações e projeções por parte dos jornalistas. Ou seja, estes profissionais especializados na Fórmula 1 devem se antecipar ao fato, trazendo as informações recolhidas durante a pré-temporada, para a partir desse conhecimento iniciar a codificação, ou seja a

interpretação especializada dos fatos, de modo a inserir o público nessa atmosfera. Por exemplo, no início da transmissão os comentaristas Ico e Alessandra Alves trazem informações sobre o desempenho de cada equipe durante a pré-temporada e apontam a Mercedes como ampla favorita ao título novamente. A repórter Julianne Cerasoli faz diversas entradas durante a cobertura acompanhando o posicionamento dos pilotos no grid, com informações sobre os compostos de pneus escolhidos¹⁶ por cada piloto, informações sobre o clima, dentre outras.

Observamos logo no início da transmissão, portanto, a presença de elementos, que como já foi apresentado anteriormente, foram destacados por Carvalho (2005) como rituais essenciais a serem seguidos por profissionais na construção do modelo de cobertura de eventos esportivos, são eles:

Dados históricos, aritméticos e comparativos: os comentaristas Ico e Alessandra contextualizam os resultados na pré-temporada; falam sobre resultados de anos anteriores na corrida da Austrália. “Ano passado Lewis Hamilton também largou na pole position¹⁷, mas quem venceu a corrida foi o alemão Sebastian Vettel.”

Influência do cenário: esses elementos ficaram a cargo da repórter in loco Julianne, que traz informações sobre a temperatura no país, sobre os bastidores no grid de largada e preparação das equipes antes da bandeirada.

O espetáculo em si: inicia-se a competição, esse é o momento de esmiuçar todas as nuances técnicas e táticas da prática em si, a ansiedade e preparação antes do apagar das luzes que dá início à corrida, a emoção das disputas dos carros roda com roda, o desempenho individual de cada piloto.

Expectativa para a largada no Grande Prêmio da Austrália. Tudo pronto. Atenção! Autorizada a largada para o GP da Austrália. Acelerando forte! Lá vem Hamilton. Lá vem Vettel. Lá vem Kimi. Hamilton vai tomando a frente. Vettel vai brigando, vêm de trás os Red Bulls. Vai se mantendo na segunda posição Kimi Raikkonen. Inalterada as três primeiras posições. Hamilton larga na limpa, mas vai sendo pressionado por Kimi Raikkonen que é o

¹⁶ Na Fórmula 1 existem 7 diferentes tipos de pneus: hipermacio, ultramacio, supermacio, macio, médio, duro e superduro. De acordo com as características da pista, a Pirelli (fornecedora da F1) seleciona três componentes para a corrida. Cada piloto tem direito a 13 jogos de pneus por fim de semana de GP. (fonte: globoesporte.com)

¹⁷ Primeira colocação.

segundo colocado, ele já tenta colocar por dentro, dianteira com traseira. Kimi aperta um pouco, já começa a apertar Lewis Hamilton na disputa pela primeira posição. Começa forte com pegada das equipes de ponta, de Mercedes e de Ferrari nesse começo de prova. Magnussen é o quarto colocado, Vettel é o terceiro, Verstappen caiu para quinto, perdeu a posição Verstappen, Grosjean é o sexto. Hamilton tenta abrir um pouco a distância, de trás os carros vão tentando recuperação. (EDSON, 2018)¹⁸

A todo o momento durante a narração da largada há uma música de suspense rolando na transmissão, exatamente para despertar a emoção do início da corrida, considerados um dos pontos altos da cobertura na opinião de alguns fãs do esporte. O ingrediente emoção é como já abordamos anteriormente, elemento essencial durante a transmissão de eventos esportivos, e no rádio esse característica fica em ainda mais evidência, devido à própria estrutura da mídia, que tem o fator emocional como ponto chave. “O locutor de rádio é obrigado a trabalhar com a imaginação do receptor para compensar a falta de imagem e para isso ele é obrigado a criar um verdadeiro espetáculo verbal” (SODRÉ, 1973, p.58).

O jornalista especializado em Fórmula 1 precisa incorporar na sua formação conhecimentos de diversas áreas, que, no caso da categoria aqui abordada, está relacionada ao estudo das Engenharias Mecânicas, Automotiva, Aeroespacial, além das regras e especificidades da competição em si. É o que concluímos como uma constante busca do conhecimento interdisciplinar. É somente com essa bagagem que os comentaristas da Rádio Band News são capazes de realizar análises durante a corrida, produzindo sentido para os fatos que se desenrolam.

Ainda nas primeiras voltas da corrida, Alessandra Alves utiliza seu conhecimento interdisciplinar para analisar o início da disputa:

“Muito interessante a gente observar esse desempenho de pneus diferentes. A gente vai ficar ligado como se comportam os carros que estão com o ultramacio, e com o macio, vamos observar de que maneira esses motores vão degradar. Lembrando que no ano passado Lewis Hamilton parou bem no começo por conta do aquecimento do pneu, então vamos ficar de olho porque essa questão vai ser decisiva, não só do desgaste, mas do momento da parada de cada um.” (ALVES, 2018)

Durante a disputa entre Lewis Hamilton e Sebastian Vettel, questões importantes envolvendo a aerodinâmica dos carros são levantadas pelo comentarista

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=rzESSqZXPWY&t=1682s>

Luis Fernando Ramos para ilustrar sua análise sobre o desempenho de ambos os pilotos: “A vantagem da Mercedes em relação a Ferrari seria nas curvas, porém quando você fica atrás de um carro¹⁹ você perde estabilidade nas curvas. Ou seja, o Hamilton perde pressão aerodinâmica justamente nos pontos em que ele poderia tirar tempo do Vettel”. Na sequência Odinei observa “Hamilton escapou! Quando vai forçando demais aumentam as chances de erros e com isso vai desgastando os equipamentos, superaquecendo o motor, consumindo os pneus, desequilibrando o carro”. (EDSON, 2018)

Em todos esses casos apontados podemos observar a transdisciplinaridade, conceito empregado por Piaget, presentes nos comentários e condução da transmissão do Grande Prêmio da Austrália. Ou seja, vemos aqui um complemento entre as disciplinas que se articulam entre si, pois uma “não procura domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa”. (Carta da Transdisciplinaridade, 1994).

Uma característica muito marcante na Fórmula 1 durante as transmissões das corridas diz respeito justamente às análises e interpretações das estratégias das equipes. Muito é especulado durante o decorrer das voltas até o final da prova. Nesse esporte, a estratégia é um fator fundamental para o seu desenvolvimento, sendo também um elemento instigante para envolver o público, e por isso, articular essas análises e suposições é uma das principais funções do jornalista esportivo responsável por realizar a cobertura de uma corrida. Para isso, como já ressaltamos, é necessária uma formação que englobe as regras e características da competição (como, por exemplo, quais compostos de pneus o piloto é obrigado a usar na corrida) e conhecimento de outras áreas para analisar questões como o desempenho mecânico dos carros durante a prova e a complexidade aerodinâmica dos mesmos, para assim serem capazes de produzir análises sobre os fatos, entregando informação e entretenimento ao consumidor.

As três primeiras posições da corrida permanecem inalteradas, mantendo a seguinte ordem: Hamilton, Raikkonen e Vettel. O primeiro a entrar no box para a troca de pneus é Kimi Raikkonen, logo em seguida o piloto da Mercedes, Hamilton entra também para colocar novos compostos. Enquanto isso Sebastian Vettel assume a

¹⁹ Nesse momento a Mercedes de Lewis Hamilton estava na segunda posição, disputando o primeiro lugar com a Ferrari de Sebastian Vettel.

liderança do Grande Prêmio da Austrália. Esse é o momento chave para a corrida, quando as estratégias das equipes começam a aparecer e a influenciar no desenrolar dos fatos. Os comentaristas Ico e Alessandra iniciam as especulações a respeito da estratégia adotada pela Ferrari com Sebastian Vettel. “Ele terá que impor um ritmo forte para tentar ganhar a posição” (Alves, 2018) “Seu desempenho não está sendo bom o suficiente para justificar sua permanência na pista”. (Ramos, 2018) Luis Fernando Ramos analisa o tempo de volta atual do piloto alemão e o quanto seria necessário de vantagem para o segundo colocado (Hamilton) para que ele consiga se manter à frente. As especulações continuam, e Julianne avalia que a estratégia da Ferrari pode ser esperar a entrada do safety car na pista. A partir da preparação da pauta com dados históricos sobre a disputa, a repórter aponta que a entrada do carro de segurança é algo comum nessa pista.

Dito e feito. Um acidente na pista aciona a presença do safety car virtual, obrigando os pilotos a reduzirem a velocidade até certo limite. Sebastian Vettel aproveita então esse momento para entrar no Box para a troca de pneus e voltar à frente de Lewis Hamilton e Kimi Raikonen. Ou seja, com a estratégia da Ferrari, o piloto alemão pulou de terceiro para a liderança da corrida. O que podemos observar com isso é a importância da antecipação dos fatos na preparação do jornalista esportivo para a cobertura do evento. “No jornalismo esportivo o fato é antecipável, porque a data, o local e a competição já estão previamente marcados. As personagens já foram, na sua maioria, escolhidas, e o repórter depende apenas do desenrolar dos fatos” (Maluly, 2004). Foi o que a repórter Julianne Cerasoli apresentou, suas pesquisas apontaram um fator comum das disputas em Melbourne (no caso a presença do safety car), logo ela trouxe essa informação para a cobertura e conseguiu deduzir a estratégia corretamente.

No decorrer da corrida os jornalistas se deparam com diversas situações nas quais se faz necessária a utilização de termos técnicos inerentes ao esporte. Mesmo que de forma sutil, pudemos observar essas questões sendo tratadas de forma mais explicativa, para com isso atingir todo o público, tanto aquele que entende sobre a Fórmula 1, com suas regras e termos específicos, quanto aquele ouvinte eventual que não possui esse repertório. Por exemplo, ao invés de utilizar o termo técnico DRS, a comentarista Alessandra Alves chama o recurso de “botão de ultrapassagem”. Durante a disputa entre Sebastian Vettel e Lewis Hamilton, o locutor Odinei Edson a todo o momento explica a regra do uso da DRS para o ouvinte, que diz que o piloto só pode

acionar o botão de ultrapassagem quando estiver a menos de um segundo de distância do oponente à frente. Com isso, retomamos o conceito de Borelli: “O jornalismo incorpora fatores característicos do esporte, como a descrição da ficha técnica em jogos, o uso de expressões características do campo competitivo (linguagem agonizante, de combate, em função de o campo ser, sobretudo, de entretenimento)” (2002).

Ou seja, os jornalistas da Rádio Band News aparecem como os responsáveis por realizar a codificação desses elementos específicos da F1, fazendo assim uma interpretação dos fatos, das regras e características da prática esportiva. Levando em conta fatores essenciais na produção de conteúdos jornalísticos, como a necessidade de ser informativo, explicativo e entretente ao mesmo tempo.

Outra característica observada durante a transmissão do Grande Prêmio da Austrália pela Band News é a influência da convergência midiática na cobertura. Durante todo o decorrer da prova, a jornalista Alessandra Alves fez entradas para ler os comentários dos ouvintes nas redes sociais da emissora. Outro momento de participação ativa do público foi quando, durante a disputa na pista entre Vettel e Hamilton, um internauta lembrou que naquela briga estavam em jogo 8 títulos mundiais (4 títulos de cada um). Observamos então uma característica na cobertura desse evento esportivo já levantada anteriormente por Cardoso: “no jornalismo esportivo, a interatividade vai ao extremo: consumidores de notícias, muitas vezes, dialogam com o jornalista em um alto grau de conhecimento” (CARDOSO, 2018).

As redes sociais também são usadas durante a transmissão como fonte de informação do desenrolar dos acontecimentos da corrida. Por exemplo, durante a prova o piloto da Haas, Romain Grosjean teve que abandonar a disputa devido a problemas no box. O comentarista Ico faz uma entrada então informando que a própria Haas já havia divulgado em sua conta no Twitter que a causa do abandonado foi devido a um erro dos mecânicos, que liberaram o piloto sem as rodas estarem fixadas. Em outro momento o mesmo comentarista observa um ritmo mais lento de Lewis Hamilton nas últimas cinco voltas e afirma que recebeu uma informação de um grupo de WhatsApp de imprensa dizendo que o piloto teria um problema de desgaste no pneu traseiro.

Observamos nesse quesito o fenômeno conceituado por Jenkins em *Cultura da Convergência* (2009), que seria “um constante fluxo de conteúdos realizado através

de múltiplas plataformas de mídia emergentes, além da cooperação entre múltiplos mercados midiáticos”. Temos aqui então a convergência entre as mídias beneficiando na qualidade do conteúdo entregue ao público, tanto ao trazê-lo para mais próxima da transmissão, quanto um importante recurso de fonte de informação ágil que agrega valor à cobertura.

4.1.2 A COBERTURA PELA TELEVISÃO

A emissora que detém os direitos da Fórmula 1 no Brasil é a Rede Globo, sendo ela a responsável pela transmissão de todas as corridas do calendário. Para o Grande Prêmio da Austrália, corrida que marcou o início da temporada de 2018, ficaram responsáveis pela transmissão os seguintes profissionais: Galvão Bueno na narração, Reginaldo Leme e Luciano Burti nos comentários, e a reportagem diretamente do paddock em Melbourne ficou a cargo de Mariana Becker.

Muitos aspectos da cobertura televisiva se assemelham à radiofônica, e observamos uma sequência de rituais se repetirem durante a transmissão do Grande Prêmio da Austrália na Rede Globo. Assim como acontece no rádio, vemos como principal característica durante a cobertura na televisão a preparação do cenário para a nova temporada que se inicia, de modo a contextualizar, inserir o público, seja ele um fã fiel da Fórmula 1 ou um telespectador eventual, no universo que caracteriza a modalidade. Por exemplo, logo no início da transmissão, Galvão Bueno traz a informação que nessa temporada será a primeira vez, desde a estreia de Emerson Fittipaldi em 1970, que não teremos um brasileiro na disputa. Outra importante informação que ganha foco na cobertura é a grande possibilidade de a disputa girar em torno dos dois tetracampeões do grid, Sebastian Vettel e Lewis Hamilton. O destaque passa a ser a especulação de qual piloto irá alcançar primeiro o pentacampeonato na Fórmula 1. Vemos aqui uma demonstração do que Carvalho (2005) apontou como uma característica da cobertura de eventos esportivos, que precisa explorar as emoções da disputa e a faceta humana dos ídolos e ir além das técnicas esportivas em si. Segundo o autor, essa é uma forma de trazer o telespectador para dentro da transmissão, afinal a história de uma rivalidade envolvendo os dois pilotos com mais títulos mundiais em

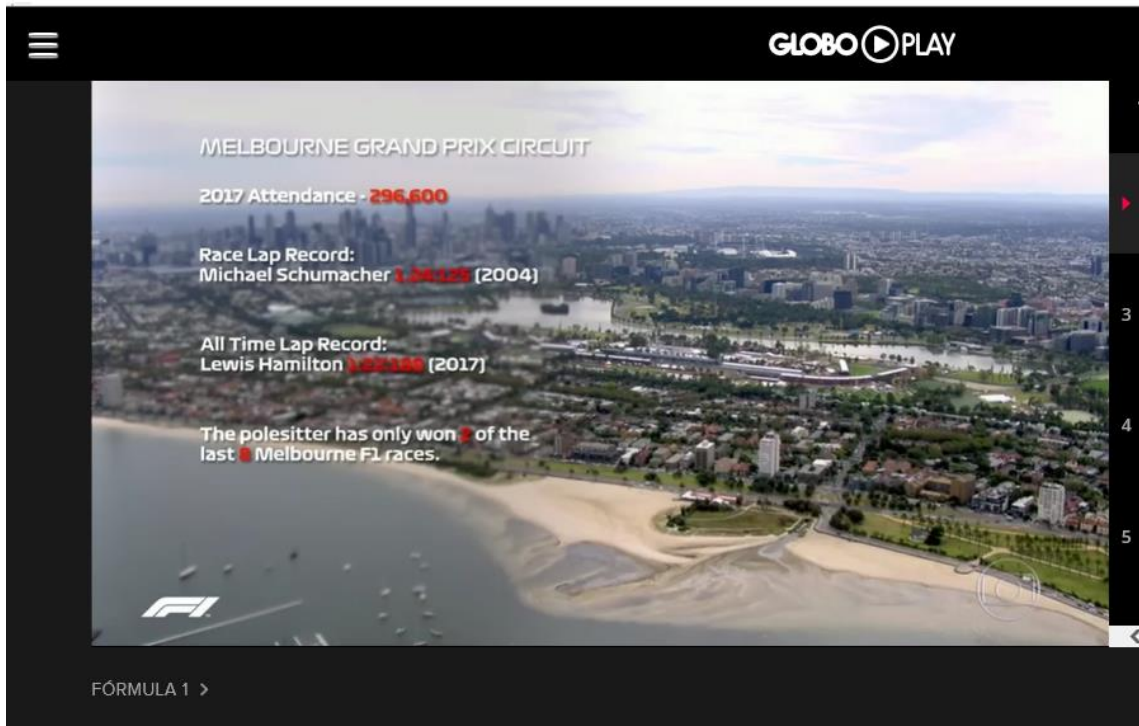
atividade é muito mais instigante e emocionante, prende a atenção do público, convidado a acompanhar a temporada que pode vir a ser decisiva para consagrar o segundo piloto com mais títulos em toda a história da categoria, junto com Juan Manuel Fangio.²⁰

A presença da repórter Mariana Becker direto de Melbourne no grid de largada é também fundamental para a preparação do cenário durante a transmissão. Sua participação na cobertura tem maior relevância exatamente nos preparativos para a corrida, quando ela fica responsável por relatar os bastidores e expectativa de pilotos e equipes antes da largada. A entrevista feita com os pilotos no dia anterior é uma forma de qualificar a transmissão da Globo ao trazer imagens direto do local daqueles que são os grandes protagonistas da estreia da Fórmula 1.

Como já abordamos anteriormente, a F1 passou por uma reformulação em 2017 com a venda dos direitos da categoria para o grupo americano Liberty Media. A nova gestão veio com a proposta de deixar o esporte mais interativo, dinâmico, mais atrativo para o público, propondo um novo posicionamento midiático que foca na aproximação com os fãs e no entretenimento. Esse fato foi observado por Galvão Bueno logo no início da transmissão, ao comentar a nova vinheta, que sugere mais emoção. O narrador fornece também diversas informações sobre a corrida, como por exemplo, quem detém a volta mais rápida do circuito, curiosidades sobre os resultados nas últimas provas, gráficos que demonstram a dimensão da pista, o número de voltas, os pontos de ultrapassagem, além de trazer também diversos momentos de disputas anteriores ocorridas na Austrália. Somente com o recurso visual já é possível observarmos a presença de características que Carvalho (2005) identificou como essenciais para uma cobertura esportiva: a introdução ao cenário, a presença de dados históricos e de coincidências e tradições sobre a corrida em Melbourne.

²⁰ O argentino Juan Manuel Fangio é até então o único piloto cinco vezes campeão do mundo: 1951, 1954, 1955, 1956 e 1957. (fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/lenda-do-automobilismo-juan-manuel-fangio-conquistou-5-titulos-na-formula-1-10475515#ixzz5LwRP60Xa>)

Figura 1: Abertura do Grande Prêmio da Austrália²¹



Fonte: GloboPlay, 2018.

Figura 2: Abertura para o Grande Prêmio da Austrália



Fonte: GloboPlay, 2018.

²¹ Os gráficos são produzidos pela FOM (Formula One Management), empresa responsável por gerenciar as transmissões na F1 e repassá-las para as emissoras de todos os países que detêm os direitos de transmissão da categoria, no caso do Brasil é a Globo. Por isso as informações aparecem em inglês.

Observamos então uma alteração na cobertura da Fórmula 1 com a presença desses novos recursos visuais. Afinal, agora ficou muito mais fácil introduzir o público às regras do esporte e às especificidades das corridas, pois todas as informações necessárias para tal estão disponíveis na tela do espectador, com uma apresentação visual que elimina a necessidade de longas explicações a respeito do tema. Podemos observar melhor os recursos tecnológicos sendo usados como apoio à prática jornalística ao simplificar a informação quando o narrador introduz a principal novidade para a temporada 2018 da Fórmula 1, que é a instalação do Halo nos carros. Para melhorar o entendimento do novo equipamento, a Rede Globo produziu um gráfico com todas as principais informações sobre a novidade.

Figura 3: Demonstração visual das características do Halo



Fonte: GloboPlay, 2018.

Apagam-se as luzes e dá-se início à transmissão do Grande Prêmio da Austrália de Fórmula 1 pela Rede Globo. Assim como ocorreu durante a transmissão da corrida pela Rádio Band News, os comentaristas Luciano Burti e Reginaldo Leme

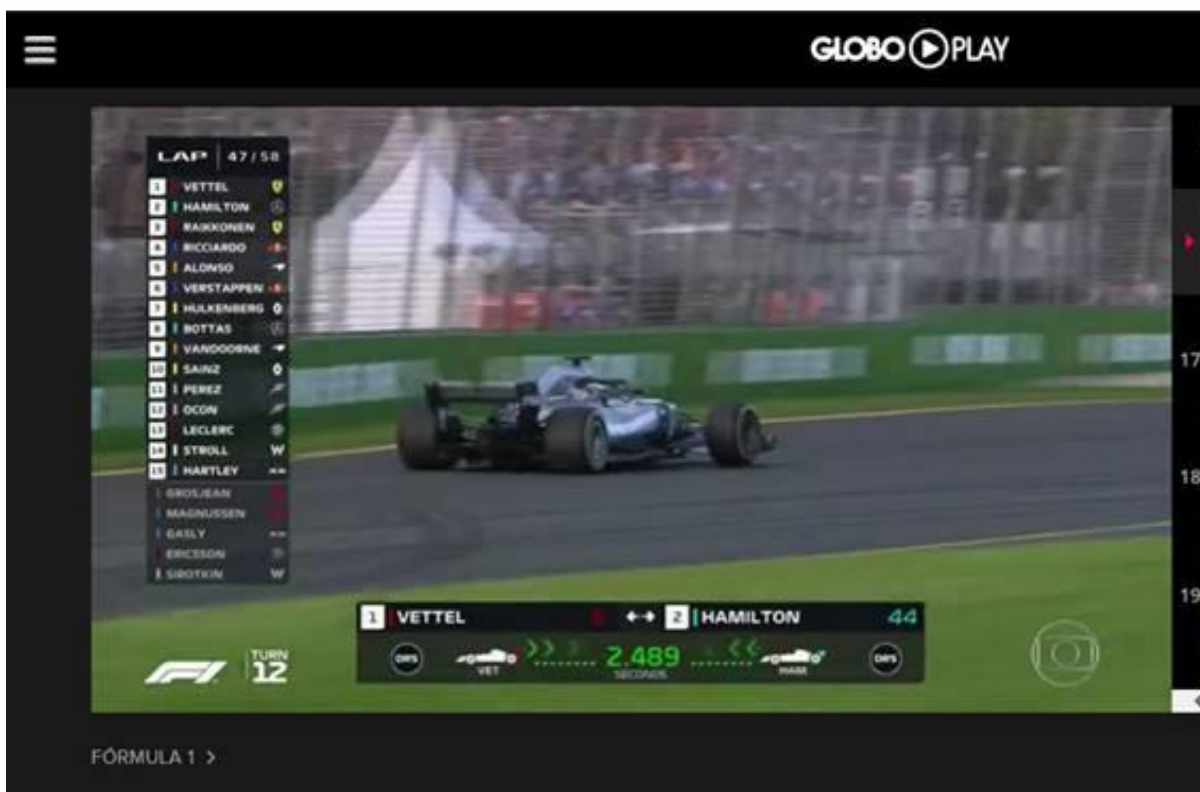
contextualizam um dos elementos responsáveis pelas estratégias na F1, que são os compostos de pneus. Porém, diferentemente do rádio, a televisão conta com o recurso da imagem como apoio à explicação das diferentes opções de pneus, como cada tipo de composto é pintado com uma cor diferente para que sua identificação fique mais fácil para o telespectador. Novamente ressaltamos a característica da categoria em simplificar o máximo possível o entendimento das regras para o público.

Podemos observar o conhecimento interdisciplinar sendo aplicado durante a transmissão no momento em que o piloto da RBR Max Verstappen fala no rádio que está perdendo equilíbrio nas curvas. “Geralmente essa perda de equilíbrio em uma parte da curva tem alguma coisa a ver com o diferencial”, analisa o comentarista Luciano Burti, que não é jornalista, mas sim um ex-piloto que teve uma breve passagem pela Fórmula 1.

Outro momento onde se faz necessária a codificação do conhecimento interdisciplinar para o público é durante o ponto chave da corrida na Austrália. Como já apresentamos na análise anterior, o piloto da Mercedes Lewis Hamilton acabou perdendo a primeira posição para o piloto da Ferrari Sebastian Vettel em detrimento da entrada do safety car virtual. Assim que o carro de segurança influenciou no resultado da corrida, Reginaldo Leme foi logo se certificando de esclarecer sua regra: “Safety Car virtual quer dizer que todos os carros na pista devem rodar em uma velocidade limite durante período determinado pelos comissários de prova”. Essa informação é repetida em diversos outros momentos durante a transmissão. Isso acontece pois uma característica técnica do esporte foi decisiva para o resultado da disputa, portanto sua contextualização é essencial para facilitar o entendimento do público.

Observamos durante a transmissão da corrida na Austrália pela Rede Globo que realmente o que dita a narração televisiva são as imagens. Como já dissemos anteriormente as imagens por si só conseguem transmitir a história da corrida, principalmente quando se conta com diversos elementos gráficos que auxiliam no entendimento dos principais lances da disputa. O jornalista deve então encontrar formas de ser relevante e usar esses recursos a seu favor para enriquecer a cobertura.

Figura 4: Gráfico na tela informando a distância na pista entre Sebastian Vettel e Lewis Hamilton.



Fonte: GloboPlay (2018)

Galvão Bueno a todo o momento tenta acompanhar a narração com os gráficos mostrados na tela, na medida em que essas informações surgem na imagem da transmissão o narrador os “traduz”, contextualizando-os de alguma forma. E é exatamente o que os profissionais da Globo fazem durante a cobertura, eles conduzem os comentários de acordo com aquilo que aparece na tela. Por exemplo, durante o rádio²² de Fernando Alonso (McLaren) Reginaldo Leme analisa a atual situação do piloto na equipe, que vem de seguidas temporadas com maus resultados, fala sobre a dificuldade do bicampeão em guiar um carro com tantas limitações e avalia o seu desempenho mesmo com um carro limitado. A imagem da Williams na tela incita também uma avaliação sobre a situação da equipe nos últimos anos, que segundo o narrador Galvão Bueno e o comentarista Reginaldo Leme seria o pior momento da sua

²² Recurso usado para piloto e equipe se comunicarem durante a corrida.

história e aproveitam então para lembrarem a passagem de Felipe Massa por lá, quando eles alcançaram o terceiro lugar no campeonato.

A interdisciplinaridade pode ser percebida na cobertura da Rede Globo em diversos momentos. Um deles é durante uma análise do comentarista Reginaldo Leme sobre o desenho do carro da Ferrari para a temporada 2018 “A Ferrari se arriscou mais, ela fez uma distância maior entre os eixos, o que possibilita ela andar muito bem durante as retas” Esse conhecimento técnico é importante para a cobertura do evento no momento em que essa informação é usada para analisar a disputa entre Sebastian Vettel (Ferrari) e Lewis Hamilton (Mercedes), portanto, ela é extremamente importante para que o público entenda o desempenho do carro durante a disputa.

No rádio de Vettel, a Ferrari alerta sobre a possibilidade de ele abrir a asa traseira por ter um carro retardatário na sua frente. Então Galvão entra com a informação “é sempre bom explicar que quando você tem a diferença de menos de um segundo o piloto pode abrir a asa traseira nos dois pontos onde é permitido utilizá-las e o piloto que vem de cara para o vento, não tem ninguém à sua frente, tem a desvantagem de não poder utilizar a asa para diminuir o arrasto aerodinâmico e aumentar a velocidade para conseguir a ultrapassagem”. Novamente percebemos a importância do jornalista esportivo especializado na Fórmula 1 em transitar por outras áreas do saber de modo a produzir informações relevantes dentro da sua editoria. Como Borelli disse, “trazer para o seu discurso a voz de outros campos de saber, transformando o espaço jornalístico num ‘mundo polifônico’.” (2002)

Assim como aconteceu durante a transmissão pela Rádio Band News, o comentarista Luciano Burti também recebeu a informação de que Lewis Hamilton estaria sofrendo com problemas de superaquecimento no motor e por isso estaria se distanciando de Sebastian Vettel na briga pela vitória. Nesse caso, a fonte não foi revelada, mas podemos observar a agilidade/facilidade na busca por informações como auxiliar a cobertura jornalística.

No final da corrida, o narrador Galvão Bueno propõe uma nova tradição para ser aplicada durante as transmissões da Globo na temporada 2018 da F1: a de cada comentarista opinar quem foi o grande piloto da corrida. Essa sugestão é baseada em uma das estratégias de marketing da Liberty nas redes sociais, onde o público é o responsável por escolher quem teve o melhor desempenho na prova. Como já dissemos,

a interatividade é a palavra da vez entre os meios de comunicação, é preciso colocar o público como centro das informações e é exatamente o que essa estratégia busca, fazer o fã sentir-se valorizado e uma parte do espetáculo. Assim que termina a corrida a transmissão oficial divulga quem foi o “Piloto do Dia” daquele Grande Prêmio, que no caso da Austrália o eleito foi o piloto da McLaren, Fernando Alonso.

4.1.3 A COBERTURA DO GRANDE PRÊMIO DA AUSTRÁLIA DIRETAMENTE DA WEB

Como última parte da análise sobre a atuação do jornalista esportivo especializado em Fórmula 1, vamos observar as especificidades do conteúdo produzido para a web. Esse é um meio de comunicação com um grande fluxo de conteúdos especializados em automobilismo, sendo considerada a principal fonte de informação sobre o mesmo atualmente. Para entendermos todas as nuances acerca da cobertura da F1 nos meios digitais, tomamos como objeto duas coberturas distintas: uma realizada em tempo real pelo site globoesporte.com, que acompanhou na íntegra o Grande Prêmio da Austrália, e outra reportagem realizada pelo site Grande Prêmio, logo após o final da corrida.

O site globoesporte.com já tem tradição em realizar coberturas online de eventos esportivos em tempo real, com a divulgação do lance a lance em diversas categorias, como futebol e vôlei, e na Fórmula 1 também. Vivemos uma era de consumidores migratórios, que têm à sua disposição mais variedade de meios de consumir informações, o que torna sua atenção mais dispersa. E é pensando nisso que são criados meios alternativos de se produzir conteúdo esportivo, voltados para esse público.

O que o globoesporte.com proporciona é uma transmissão detalhada da corrida, que conta com a ajuda do público para moldar os lances a cada volta. O jornalista responsável pela transmissão conta com o apoio de inserções durante a corrida com análises, opiniões e comentários do público que também está assistindo ao Grande

Prêmio da Austrália. Essas interações são filtradas da rede social Twitter, onde os usuários podem participar da transmissão através da hashtag “#F1naGlobo”. Ou seja, percebemos o que apontamos ainda no primeiro capítulo, sobre a necessidade de o jornalismo esportivo adaptar-se às alterações que surgem no modo de produção de notícia, mudanças essas originadas dos avanços tecnológicos e da inserção das redes sociais como fonte de informação. O site percebe essa grande presença de fãs da categoria que procuram nas redes sociais informações/análises sobre a corrida, onde eles mesmos utilizam a ferramenta como forma de reverberar os lances da disputa, e usa isso a seu favor, transformando essa “falação” das redes sociais em fonte de conteúdo, integralizando os meios de comunicação para agregar valor a notícia.

Figura 5: Comentários de fãs no Twitter antes do início da transmissão no site



Fonte: Globoesporte.com (2018)

Podemos perceber então aquilo que Jenkins (2009) apontou como uma transformação cultural, na qual o consumidor aparece como o grande protagonista, alternando de um estágio interativo para participativo. Os fãs da Fórmula 1 são, nesse caso, convidados a participar e se envolver com o processo de produção da notícia. Eles ganham voz e influência significativas na condução da transmissão dos fatos.

Figura 6: Início da corrida com informações sobre a largada e comentários do Twitter.



Fonte: Globoesporte.com

Diferentemente do que acontece na televisão e no rádio, a transmissão na web pelo globoesporte.com não possui o mesmo compromisso em codificar as

informações mais técnicas do esporte, portanto, percebemos de forma mais sutil a interdisciplinaridade empregada na transmissão digital. Os fatos e análises são, em sua grande maioria, colocados “na boca” do público, ou seja, a corrida é conduzida por aqueles que já possuem conhecimento acerca das especificidades, características técnicas e regras do esporte, portanto diminui a explicação dos lances como ocorre na televisão e no rádio. Mas ainda percebemos alguns aspectos nos quais esse conhecimento jornalístico é utilizado para contextualizar fatos importantes na disputa, como o que acontece no momento em que o safety car virtual é acionado e altera as posições na corrida, com Sebastian Vettel tomando a posição de Lewis Hamilton.

Figura 7: Informação da entrada do carro de segurança na pista



Fonte: Globoesporte.com

No momento em que o carro de segurança virtual é acionado na pista, a publicação entra com a informação sobre a regra, para em seguida contextualizar em que sentido ela afetou nas posições da corrida:

Figura 8: Informação sobre a estratégia da Ferrari em realizar a troca de pneus no momento da entrada do safety car, o que resultou no ganho da liderança na corrida.

globoesporte.globo.com

15	ZB	B. HARTLEY	11
16	H	R. GROSJEAN	
20		K. MAGNUSSEN	
10		P. GASLY	
9		M. ERICSSON	
35		S. SIROTKIN	

grid (Foto: reprodução)

Confira as posições da prova com 26 voltas

HÁ 3 MESES

26/58 - Sebastian Vettel aproveita o safety car virtual para realizar sua parada. Alemão, que já era líder em função da parada de Hamilton, retorna em primeiro

HÁ 3 MESES

Fonte: Globoesporte.com (2018)

Em outro momento da corrida, quando o piloto da Mercedes Lewis Hamilton recebe informações da equipe a respeito de algum problema que pode prejudicar o seu desempenho na prova, o globoesporte.com insere durante a transmissão a informação analisada pelo jornalista Alexander Grünwald, profissional responsável por realizar a cobertura de eventos automobilísticos pelo próprio site. Esse comentário foi reverberado em sua conta particular no Twitter e repassado dessa maneira para a transmissão no site.

Figura 9: Comentário feito pelo jornalista Alexander Grünwald em sua página no Twitter e replicado na cobertura do Grande Prêmio da Austrália pelo globoesporte.com.



Fonte: Globoesporte.com (2018)

Percebemos nesse ponto aquilo que Deuze (2005), Jorge, Pereira e Adghirni (2009) apontaram como uma exigência para que os profissionais comecem a produzir conteúdos multimídias e assumam perfil multitarefas. O jornalista especializado na cobertura da Fórmula 1 precisou se adequar a um novo modelo de produção de conteúdo, a uma nova linguagem, assim como teve que se inserir nas redes sociais - neste caso, o Twitter - como uma alternativa de fonte de informação para o site globoesporte.com. Ou seja, ele precisou adequar sua maneira de produzir e distribuir conteúdo, na medida em que novas plataformas digitais se tornaram espaços onde o público vai atrás de informação. Os fãs de Fórmula 1 estão presentes nas redes sociais e as usam como fonte de informação e como espaço de reverberação dos fatos, como apontou Recuero (2009) como características principais das redes sociais. Cabe ao jornalista aproveitar-se desse cenário, inserindo-se no mesmo e usando sua posição de autoridade na produção de conteúdos para se fazer relevante frente ao público.

4.1.4 ANÁLISE DA REPORTAGEM SOBRE A CORRIDA NA AUSTRÁLIA NO SITE GRANDE PRÊMIO

Voltemos nossa atenção para análise da reportagem do site especializado em automobilismo Grande Prêmio, que traz os resultados da corrida em Melbourne. Logo no início da matéria percebemos uma chamada para o internauta dar uma nota para a disputa na Austrália. É a interatividade presente como estratégia para atrair o público, fazendo-o se sentir valorizado e instigado a se envolver com a notícia.

O título que dá nome a matéria é “*Vettel aproveita desastre da Haas, tira sorriso de Hamilton e abre temporada 2018 com vitória na Austrália*”. Como já apresentamos, a cobertura jornalística esportiva pode apresentar diferentes direcionamentos, tendo em vista que cada profissional pode escolher contar a história do esporte de diferentes pontos de vista. Nesse caso, o jornalista do Grande Prêmio Fernando Silva opta por repercutir a polêmica ocorrida no dia anterior entre Lewis Hamilton e Sebastian Vettel. “Minutos depois de ter conquistado a pole-position do GP da Austrália, Lewis Hamilton comemorou e tripudiou do seu rival, Sebastian Vettel: ‘Estava esperando para acertar uma boa volta e tirar o sorriso do seu rosto’” (SILVA,

2018). Uma das principais características de reportagens para a web é a apelação para fatores polêmicos, como, por exemplo, a criação de títulos chamativos para atrair a atenção do internauta, para que este se sinta instigado a clicar na reportagem. O papel do jornalista nesse caso foi fundamental para a produção de sentido da corrida na Austrália. Ele se aproveitou de uma informação prévia, um fator polêmico, que foi o estranhamento pré-corrida entre aqueles colocados pela mídia como os grandes protagonistas da temporada 2018 da Fórmula 1, dois tetracampeões que segundo projeções irão disputar o título e o posto de pentacampeão mundial. Tudo isso foi levado em conta para direcionar a reportagem para essa rivalidade. Vemos então aquilo que Maluly (2012) apontou como uma necessidade do jornalista em recontar e modificar a história pelos detalhes, em ir além do que apenas a descrição do resultado.

A reportagem é moldada exatamente da forma que Borelli (2002) apontou como deve ser uma cobertura esportiva, na qual o profissional utilizou ferramentas gerais do jornalismo junto com ferramentas específicas do esporte. As regras gerais foram a presença da construção de um lead, a apresentação do título, e um texto claro e objetivo.

Com categoria e experiência, Vettel deu de ombros para os ataques de Hamilton e partiu para sua vitória 48 na F1. E para completar a festa da Ferrari, Kimi Räikkönen também foi ao pódio, em terceiro. Daniel Ricciardo fez uma boa corrida de recuperação depois de partir em oitavo e finalizou em quarto na sua corrida em casa. E Fernando Alonso, com a nova McLaren-Renault, suportou a pressão final de Max Verstappen para cruzar a linha de chegada em quinto lugar. (Fonte: Grande Prêmio, 2018.)

Um dos fatores característicos do esporte que o jornalista teve que inserir na produção da reportagem foi a descrição de regras da modalidade, como a entrada do safety car na pista, que alterou o resultado da corrida. “Vettel, que havia retardado sua parada para troca de pneus, aproveitou a bandeira amarela, fez o pit-stop e voltou à frente de Hamilton, que havia liderado toda a primeira parte da corrida após ter largado na pole.” (SILVA, 2018).

Assim como apontamos na transmissão da corrida pelo site globoesporte.com, percebemos a aplicação da interdisciplinaridade de forma mais sutil na produção da notícia. A linguagem utilizada na reportagem do Grande Prêmio é bastante objetiva, sem grande rebusco ou uso de normas técnicas e termos muito específicos do esporte. Conta-se uma história realmente ao longo da matéria, o jornalista

vai aos poucos descrevendo as posições de volta após volta, como uma evolução narrativa do que foi a corrida, apresentando o resultado objetivamente. Ao relatar o ápice da prova, que foi a estratégia da Ferrari para ganhar a primeira posição durante a troca de pneus, o jornalista Fernando Silva não dá grandes explicações sobre a regra do safety car virtual, ele a insere de forma natural no contexto da reportagem: “Por conta da posição do carro da Haas, a direção de prova acionou o safety-car virtual. Foi aí o 'pulo do gato' de Vettel, que aproveitou para fazer seu pit-stop e voltar à frente de Hamilton” (SILVA, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fórmula 1 é um esporte que apresenta inúmeras complexidades em sua concepção. Por ser uma categoria de automobilismo, ela agrega características de campos muito específicos, que seriam especificidades da Engenharia Mecânica, Automotiva, Aeroespacial, além das próprias regras do esporte, que podem ser bastante complexas em determinados aspectos.

Essa é uma das práticas esportivas de maior impacto mundialmente, com suas corridas sendo transmitidas para mais de 200 países. Dessa forma, buscamos analisar como se dá a formação do jornalista esportivo especializado em Fórmula 1, responsável por transmitir a competição para o público, interpretando e analisando os acontecimentos durante as voltas pelo circuito, de modo a contextualizar todas as características do esporte. Compreendemos, portanto, essa prática como um exemplo claro da necessidade de uma constante busca pela formação interdisciplinar do jornalista para exercício pleno de sua função.

Ao analisarmos a cobertura do Grande Prêmio da Austrália pela Rádio Band News e pela TV Globo, foi possível observar a importância do conhecimento sobre diversas áreas, como as citadas acima, para que os jornalistas fossem capazes de realizar as devidas análises a respeito dos lances que iam se sucedendo ao longo da prova. O domínio desses elementos é essencial para que o profissional possa atuar numa cobertura como essa. Ele só é capaz, por exemplo, de analisar as estratégias de pneus das equipes quando entende o quanto de aderência cada composto possui, e sabe como cada elemento do carro funciona e como isso influencia no seu desempenho em cada corrida. É importante que o jornalista faça esse tipo de análise durante a prova, que explique de forma clara e objetiva quais componentes influenciaram para que o piloto Lewis Hamilton perdesse desempenho no final da corrida, o porquê de ele ter se distanciado de repente do piloto Sebastian Vettel na briga pela posição nas últimas voltas.

Todas essas informações obtidas através de uma formação interdisciplinar são agregadas às características inerentes do jornalismo. Os profissionais aqui analisados tiveram que codificar esses elementos mais técnicos da categoria de forma a atingir um público abrangente, que é composto não somente daquele fã do esporte que já compreende determinadas especificidades, mas também aquele público eventual que

vai acompanhar a corrida por curiosidade. Por isso, vimos que os jornalistas se atentam à linguagem utilizada e buscam a todo tempo explicar determinado termo, como foi o caso da regra do safety car virtual na corrida da Austrália.

Vimos também que as tecnologias modificaram consideravelmente a maneira de se transmitir Fórmula 1, auxiliando inclusive na explicação de elementos e regras específicas do esporte, principalmente na transmissão pela televisão. Na medida em que a corrida vai se desenvolvendo, elementos gráficos surgem na tela para contextualizar o lance, como, por exemplo, a distância entre os pilotos, a possibilidade ou não de abertura da asa móvel, a informação sobre a entrada do safety car, enfim, diversos suportes para o jornalista produzir sentido para a corrida.

Já no rádio, a ausência da imagem é substituída por uma constante “falação”. A todo momento comentaristas e repórter fazem entradas com análises sobre a corrida, informações que acrescentem algo ao retrato da disputa. Devido a essa característica, esse é o meio de comunicação que podemos perceber mais claramente a importância da formação interdisciplinar, já que o jornalista tem que contextualizar as voltas através da linguagem, assim como utilizar-se da mesma para explicar as características técnicas da Fórmula 1. Os lances são muito mais detalhados, há mais especulação e conseqüentemente uma maior aplicação de conhecimento interdisciplinar. Outra característica observada na transmissão pelo rádio foi o uso da convergência como suporte para a cobertura: os jornalistas buscam inserir o ouvinte dentro da transmissão, chamando-os para comentar também a corrida, opinar sobre as polêmicas, tudo isso através das redes sociais. Observamos aqui a presença daquilo que Tavares (2014) chama de jornalismo colaborativo, que se molda com uma produção de conteúdos interativos, na qual a usabilidade das redes sociais passa a ser uma importante estratégia de aproximação com o público.

Essa característica também pode ser observada claramente durante a transmissão do Grande Prêmio da Austrália pelo site globoesporte.com, na qual a página utiliza comentários do público pelo Twitter como suporte na construção da cobertura. O internauta participa ativamente da produção da notícia, e vemos aqui o que Cardoso (2018) apontou como uma característica do jornalismo esportivo inserido nessa nova era de convergência midiática, na qual a interatividade vai ao extremo e os consumidores dialogam com o jornalista em um alto grau conhecimento. O jornalismo se aproveita dessa rede social como estratégia para agregar valor à produção da notícia.

Falamos anteriormente sobre o receio de como a prática jornalística atuaria com a chegada das redes sociais como fonte alternativa de informação. Vemos, portanto, que a estratégia adotada é a de convergir os meios, utilizar a força das plataformas sociais, para interagir com o público e trazê-lo para dentro da reportagem.

Em todas as mídias analisadas é possível perceber, mesmo que em diferentes níveis, a complexidade da formação interdisciplinar do jornalista esportivo especializado em Fórmula 1. Na televisão, os profissionais contam com o suporte da tecnologia para produzir significado a respeito das características técnicas e regras do esporte, mas precisam da mesma forma traduzir esses gráficos. No rádio, a ausência da imagem exige o aumento do recurso linguístico, a discussão e análise a respeito dos lances são maiores, assim como a aplicação de conhecimento interdisciplinar. Na internet a estratégia é outra, colocar a análise “na boca” do público, privilegiando a interatividade e sempre que necessário realizando a inserção do conhecimento técnico do jornalista para validar a discussão levantada pelo público. Já na cobertura pelo site Grande Prêmio, percebemos que o jornalista molda a reportagem de forma objetiva, utilizando seu conhecimento interdisciplinar, mas sem preocupar-se tanto com a explicação de termos técnicos, mas sim em propor uma linguagem direta e sem grande rebuscamento a respeito das especificidades da Fórmula 1.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Gherusa Coelho dos. **Circo da Fórmula 1: o espetáculo dos bastidores**. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 2.sem. 2004, 628 p. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social / Jornalismo (Bacharelado).

BORELLI, V. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: Uma breve revisão de estudos**. In: Intercom/2001 – XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação, p. 1-15, 2001, Campo Grande. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/DISSERTACAO/2013/Dissertacao%20Everton%20de%20Albuquerque%20Cavalcanti.pdf>; acesso em: 18. Jun. 2018.

BORELLI, V. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. In: Intercom/2002 – XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, p. 1-22, 2002, Salvador. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ea984db34c55cfc94d2f75bb662887f6.pdf>; acesso em: 12 jun. 2018.

BRUNS, A. **Gatewatching: Collaborative Online News Production**. New York: Peter Lang Publishing, 2005.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo**. in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, setembro de 1999

CARDOSO, Marcelo. **Jornalismo especializado em esportes: uma discussão sobre a formação contínua do profissional**. Revista Altegor, 2018.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. Adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. Convento de Arrábida, Portugal, 2 a 6 de novembro de 1994.

CARVALHO, José Eduardo de. **Discurso Esportivo: por um equilíbrio possível entre o distanciamento olímpico e a linguagem emocional**. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt->

[BR&lr=&id=CHkGM3hzEuwC&oi=fnd&pg=PA7&dq=jornalismo+e+formula+1&ots=T-
liu9gYtj&sig=gfeuopRRUeOMCIVTtev9E138EWQ#v=onepage&q=jornalismo%20e%
20formula%201&f=false](http://www.f1.com.br/br&lr=&id=CHkGM3hzEuwC&oi=fnd&pg=PA7&dq=jornalismo+e+formula+1&ots=T-
liu9gYtj&sig=gfeuopRRUeOMCIVTtev9E138EWQ#v=onepage&q=jornalismo%20e%
20formula%201&f=false) Acesso em: 25 mai. 2018.

DEUZE, M. **What is journalism?** : Professional identity and ideology if journalists reconsidered. *Journalism*, vol 6(4), 2005, p. 442-464.

FIGUEIREDO, João Henrique Guimarães de. **UMA TRANSMISSÃO EM ALTA VELOCIDADE: A F1 NAS ONDAS DO RÁDIO**. Monografia apresentada ao Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, 2012. disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/05/MONOGRRAFIA.pdf>; acesso em 15 jun. 2018.

GASTALDO, Édison. “**Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas**”. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo ano 8 vol. 8 n. 21 p. 39-51 mar. 2011. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/209>; acesso em: 12 jun. 2018.

GLOBOESPORTE.COM. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/> Acesso em: 20 jun. 2018.

GOMES, Flávio. **De máquinas e homens**: a internet se tornou um dos principais meios de comunicação sobre Fórmula 1. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e Informação Esportiva**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

GRANDE PRÊMIO. Disponível em: <http://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/vettel-aproveita-desastre-da-haas-tira-sorriso-de-hamilton-e-abre-temporada-2018-com-vitoria-na-australia> Acesso em 18 de jun. 2018.

HELAL, RONALDO. **Esporte, indústria cultural e teoria da comunicação**. Memórias do Congresso Mundial de Educação Física. Universidade Gama Filho. AIESEP, 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**: Cultura da convergência : a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. tradução Susana Alexandria. – 2ª ed. – São

Paulo: Aleph, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/109552681/jenkins-henry-cultura-da-convergencia>. Acesso em: 07 mai. 2018.

MALULY, Luciano Victor Barros. **Jornalismo Esportivo: desafios e propostas**. In: GURGEL, Anderson et al. (orgs). **Comunicação e Esporte: Reflexões**. São Paulo: Intercom, 2012.

MARIANI, Bethania. **Imprensa, Produção de sentidos e ética**. IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (orgs). **Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=t7W06EkBxi0C&printsec=frontcover&dq=produu%C3%A7%C3%A3o+de+sentidos+no+jornalismo&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=t7W06EkBxi0C&printsec=frontcover&dq=produ%C3%A7%C3%A3o+de+sentidos+no+jornalismo&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false) Acesso em: 15 mai. 2018.

MCNAIR, B. **Journalism in the 21st century: evolution, not extinction**. Journalism, Vol. 10(3), 2009, p. 347-349.

MENDONÇA, Tiago César Silveira de; CUNHA, Cíntia Cerqueira. **Jornalismo Automotivo no Brasil: Novas Possibilidades de Abordagem**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia – MG, 2015.

MOSCHETTA, Andressa Pacheco; RASERA, Marcella. **Jornalismo na implosão da convergência midiática**. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, kati; LARANJEIRA, Álvaro (orgs). **Jornalismo e Convergência: ensino e práticas profissionais**. LabCom Books, 2011. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110315-claudia_quadros_jornalismo_e_convergencia.pdf; acesso em: 25 maio. 2018.

MURDOCH, Rupert. **O futuro dos jornais: avançando além das árvores mortas**. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1012200806.htm>

OLIVEIRA, E. T. de. **Ciberjornalismo e mobilidade: uma proposta de pesquisa sobre os aplicativos para dispositivos móveis dos portais de notícia**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –Manaus, AM –4 a 7/9/2013.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **“O jornalismo em tempo de mudanças estruturais”**. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57,

janeiro/junho 2011. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf; acesso em: 25 maio. 2018.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998. 262p.

RECUERO, Raquel: **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>; Acesso em: 15 Mai. 2018.

TAVARES, Olga. **“Jornalismo contemporâneo: conversas com o futuro”**. *Culturas Midiáticas*, Ano VII, n. 12 - jan-jun/2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/viewFile/19740/10903>; acesso em: 22 maio. 2018.

VERDÚ, Vicente. **El fútbol: mitos, ritos y símbolos**. Madri: Alianza Editorial, 1990.